

VEDACIT - Habitação Digna

A importância de uma residência salubre

História de [Emerson Cangiani](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 16/03/2021

VEDACIT - Habitação Digna
Depoimento de Emerson Cangiani
Entrevistado por Jonas Samaúma
São Paulo, 11/11/2020
Realização: Museu da Pessoa
Entrevista número PCSH_HV987
Transcrita por Selma Paiva
Revisado por Genivaldo Cavalcanti Filho

P/1 – Emerson, queria te perguntar uma coisa muito difícil mesmo, logo de cara. É assim: qual seu nome completo e a data que você nasceu.

R – Meu nome é Emerson Cangiani. Eu nasci no dia 21 de janeiro de 1987.

P/1 – E nasceu onde?

R – Nasci em São Paulo, capital. Nasci no Hospital Santa Catarina, na Avenida Paulista. Nasci no mesmo dia que a minha avó paterna.

P/1 – Nossa! A gente já vai chegar na sua avó paterna. Não, vamos começar dela. O que você sabe da história da sua avó paterna?

R – A história da minha avó... Eu sei que ela nasceu em 1929. Se ela estivesse viva, ela teria ainda muita história pra poder contar. Embora ela tenha sido pega pelo Alzheimer, ela morreu com noventa anos. Eu me lembro dela [como] uma pessoa bastante bacana, bastante companheira. Acho que se fosse pra deixar pra chorar mais tarde acho que, de repente, vai antecipar, mas ela sempre foi bacana.

Teve três filhos: o mais velho, meu tio Carlos, já falecido também; a minha tia Vilma, [que] mora no interior de São Paulo, e meu pai, o filho mais novo.

Ela foi casada com um militar, meu avô, Eduardo, que é descendente de italianos. Ela foi viúva muito cedo, eu acredito. Não sei dizer quantos anos ela tinha, mas me lembro que fazia alguns meses que meus pais tinham casado e acho que [em] dois ou três meses ele veio a falecer e aí ela tocou a vida sozinha, até os 90.

Teve ajuda dos filhos, quando ela ficou com Alzheimer precisou de cuidados. A minha tia cuidou dela durante muito tempo, depois ela precisou ficar internada numa clínica, até pelas limitações que a minha tia e, na época, o meu pai, também tinham, pra cuidar dela, mas foi uma pessoa que sempre batalhou pela família. Mais pelos outros do que por ela, eu diria. Ela sempre...

Eu tenho uma prima... O meu tio falecido não teve filhos. A minha tia tem uma filha, minha prima, a gente tem bastante contato; a minha avó, acho, foi uma peça fundamental no nosso desenvolvimento. O que ela pôde fazer em questão de ajuda, benefício, principalmente financiamento pra educação, saúde e lazer, ela fez. E ela colocava, eu acho, que os filhos, os netos, a família, as pessoas muito mais à frente, na preocupação, do que ela mesma.

P/1 – E o que você lembra de você com ela? Você disse que ela teve uma importância...

R – Ah, eu lembro que ela se escondia embaixo da cama, quando a gente brincava de esconde-esconde. Lembro que ela jogava bola comigo.

Ela morava numa casa grande, que tinha um quintal grande. A gente colocava dois tijolinhos assim, pra colocar o gol. E ela jogava bola.

Eu me lembro que teve uma vez que eu estava na casa dela, não lembro a idade e tinha o pessoal que morava ali mesmo, no bairro onde ela morava, os vizinhos. Acredito que era um pessoal na faixa de uns quinze, dezesseis anos, mais ou menos; vamos colocar que eu devia ter uns sete ou oito. Eles estavam jogando bola na rua e eu queria jogar bola, mas era na rua e só estávamos eu e minha avó lá. Minha avó chamou todo mundo pra dentro de casa, porque o quintal era grande e falou: “Joga bola aqui com eles.” A gente jogou bola lá.

Eu lembro que eu sempre passava férias escolares lá. A gente sempre viajava pra visitar os nossos parentes no interior, a gente ia muito pra praia. Eu acho que essa questão do lazer, de viagens, que é uma coisa que eu tenho muito interesse hoje, partiu dela, porque ela sempre foi uma pessoa ativa. Ela sempre foi sozinha, mas nunca dependeu de ninguém pra poder fazer nada. Ela sempre [dizia]: “Estou com vontade de viajar”; vamos viajar. “Preciso ir pra praia.”

Ela tinha um apartamento na Praia Grande. [Dizia:] “Eu preciso participar da reunião do condomínio, ver como está, fazer uma limpeza. Só quero ir por ir, visitar um parente no interior. Vamos.” Acho que era assim

P/1 – E teve alguma vez que ela falou algo marcante, que você lembra?

R – Ela sempre falava várias coisas, mas eu acho que uma das principais frases dela, que isso até... (risos) Quando a gente viajava muito pra praia, ela falava... Eu era criança, no começo... [Quando] você vai pra praia tem algodão doce, sorvete, besteira, pastel, então eu lembro que ela sempre me fazia... Tinha que comer uma espiga de milho primeiro, porque ela falava que saco vazio não parava em pé. Você tinha que comer a espiga de milho, porque o milho era a base. Acho que isso é uma coisa que eu brinco até hoje.

A minha avó materna, tive muito contato com ela. Na verdade, a minha família sempre foi bastante junta e unida, até um determinado ponto. Os meus avós tiveram bastante contato, por parte da minha mãe. Eu tenho avô e avó vivos e só por parte de pai que eu só tinha a minha vó, até o ano passado.

Ela sempre dizia isso... A preocupação dela era: “Escova os dentes.” Ela usava dentadura por falta de quem dissesse isso, tivesse essa preocupação com ela; acabou perdendo os dentes, então ela frisava muito isso. Ela frisava a questão de alimentação, porque era uma pessoa que... Eu vou ser bem sincero, nunca vi minha avó doente. Ela fazia umas coisas que eu desacreditava. Ela misturava arroz e feijão com abacaxi, com banana, coisa que eu não consigo. Tem gente que consegue. Eu não consigo, só que isso, pra ela, funcionava. Além de ser gostoso, satisfatório, isso de alguma forma ajudava, porque eu nunca a vi ficar doente. Mas de frases marcantes eu acho que era isso: “Saco vazio não para em pé.”

P/1 – E você sente que teve algum valor que ela tentava te transmitir? Às vezes, sem falar nada, mas que você notava: “Nossa, minha avó tentava transmitir algum valor?”

R – Acho que sim. Ela pegava muito no pé na questão dos estudos. Teve uma época que, de alguma forma, ela queria me ajudar, financiar uma faculdade, um curso de inglês, alguma coisa, acho que pela questão de estar preparado pro mercado, pra não passar dificuldades quando for procurar um emprego, pra não estar atrás de outras pessoas. Não que isso seja ruim, todo mundo merece sua oportunidade, mas pra que você não perca a sua por falta de um estudo, de um preparo, de um desenvolvimento, alguma coisa que seja.

Eu acho que pra essa questão de conhecimento... Eu não sei o quanto de estudo ela teve, mas eu lembro que ela sabia escrever, sabia ler. Fazia conta de cabeça, isso eu me lembro. Às vezes eu passava uns números mirabolantes pra ela fazer multiplicação; eu estava com a calculadora e ela, em dois minutos, no máximo, dava o resultado. Tipo: 595 vezes 12. Ela ficava quieta uns 12 minutos, mas ela falava o resultado. E era aquele. Eu acho que essa questão de estudar pra ter... Não vou dizer uma formação, mas pra você poder ter uma base de conhecimento, pra você realmente conseguir desenvolver algo, seja pro lado profissional ou voltado pro pessoal... Acho que essa era a preocupação dela.

P/1 – E do seu avô, você lembra alguma coisa?

R – Meu avô, quando eu nasci, já era falecido. O que eu tenho de lembrança são muitas fotos que eu vi, as histórias que as pessoas contam, mas sobre seu próprio ponto de vista. A minha prima, por exemplo, teve oportunidade de conhecê-lo em vida e as histórias que ela conta é que ele era uma pessoa realmente muito próxima, muito preocupada e amável também.

Ela conta uma história que, na época dela, tinha já os álbuns de figurinhas. Você comprava os pacotinhos, ia colar e tinha muita figurinha que vinha repetida. Ele voltava na banca do jornal - ele era guarda civil metropolitano, municipal – e fazia o jornaleiro trocar as figurinhas repetidas. Ele brigava com o cara e ela completava o álbum em uma semana. E o cara, não sei o que ele fazia... (risos) Com as figurinhas que não serviam. Dele só [vi] fotos, mesmo. Nas fotos, sempre sério. Ele se parecia muito com meu tio, mas não lembra o meu pai, de fisionomia. Eu não enxergo nele, quando vejo meu pai hoje ou de fotos antigas, traços do que eu já vi do meu avô, de foto. E eu lembro que há muito tempo eu tive um sonho com ele, que era o retrato muito semelhante ao que eu tinha visto em fotos, mas a gente não tinha contato. Só lembro de tê-lo visto no sonho, como se ele estivesse em vida. Mas sem contato, sem nada. De verdade, eu...

P/1 – E seus outros avós?

R – Meus avós maternos tenho contato com eles até hoje, são pessoas simples também.

P/1 – Eles nasceram onde?

R – A minha avó nasceu no interior de São Paulo. Eu não sei a cidade...

P/1 – Sabe o nome dela?

R – Da minha avó?

P/1 – É.

R – Dona Nair. Nair Herculano.

P/1 – E seu avô?

R – Meu avô, seu Agenor Novaes de Oliveira. Nasceu no interior da Bahia.

P/1 – Sabe qual interior da Bahia?

R – Agora...

P/1 – Mas você sabe por que ele veio pra São Paulo? Ele já contou?

R – Veio porque alguns parentes já tinham vindo, tinham conseguido emprego aqui, aí ele largou tudo pra poder vir também, pra poder trabalhar. Veio, conheceu a minha avó... Se eu não me engano eles fugiram pra poder casar, mas depois de casados já criou-se a normalidade, a aceitação e ele trabalhou pra poder comprar um terreno, construir a casa, que inclusive é onde eles moram até hoje.

São pessoas de pouco estudo, foram muito pouco pra escola. Inclusive, no bairro onde nós moramos hoje tem uma igreja, uma comunidadezinha onde eles, por três anos, participaram de um projeto de reeducação muito bacana. Era um morador do bairro, uma moradora que era professora e se voluntariou pra poder dar aulas pro pessoal da terceira idade e quem quisesse também ter. Que, sei lá, abandonou a escola por algum motivo, não frequentava mais [e] tivesse interesse em voltar e aprender. Eles fizeram durante três anos essa formação, pra reaprender a ler e escrever, fazer algumas contas básicas.

Lembro que na minha infância, quando meus pais trabalhavam, ficava bastante com eles também, na casa dos meus avós. Geralmente meu avô não ficava muito, ele trabalhava com... Ele era pedreiro, trabalhava em obras. E a minha avó sempre foi dona de casa, costurava bastante nessa época, então eu ficava lá. Como eles têm quatro filhos, incluindo a minha mãe, ficava brincando muito com os meus primos, que acabavam ficando lá também, porque a minha tia, a segunda filha... Tem a minha mãe, que é a primeira; a Dirce, que é a segunda, já tinha filhos na época; as outras duas ainda não, nessa época, então eu ficava brincando bastante com eles.

[Eram] sempre próximos, sempre presentes. Um pouco mais rígidos, porque tinha a questão dos meus primos também. A gente brincava muito, brigava muito, tinha aquelas disputas: a televisão, a bolacha, o brinquedo, alguma coisa, mas [eram] sempre pessoas presentes e amorosas também. Eu acho que não tem a avó preferida.

P/1 – E aí eles tiveram seu pai, né? Não, sua mãe.

R – Tiveram a minha mãe.

P/1 – Qual é o nome da sua mãe?

R – Minha mãe [se] chama Aparecida Maria.

P/1 – E a Aparecida era filha única ou tinha irmãs?

R – Tinha irmãs. É até engraçado, porque a minha mãe nasceu em outubro e foi registrada em dezembro, porque na época meu avô trabalhava numa empresa que... Eu não sei se era a empresa ou se isso era relacionado ao governo. Pagava-se um benefício pro funcionário que tivesse filhos, mas só podia ter a partir de um ano de empresa. Quando minha mãe nasceu, meu avô não tinha ainda um ano de empresa, aí ele foi orientado: “Espera dar um ano de empresa e aí você registra, traz os documentos e ganha o auxílio.” Vamos colocar que seria um auxílio, um salário-família, na época. Ela nasceu no dia dezanove de outubro e foi registrada no dia quinze de dezembro.

P/1 – E você sabe um pouquinho da história dela? As coisas que ela fez...

R – Minha mãe?

P/1 – É.

R – Minha mãe nasceu em Dracena, interior de São Paulo. Não sei se também essa era a cidade onde minha avó nasceu, mas sei que eles moraram um tempo lá.

Na verdade, eu não sei muita coisa da infância da minha mãe ou da história mais nova. Eu sei que ela trabalhou no Bradesco. Sei que meus pais se conheceram lá. Meu pai prestava alguns tipos de serviços e ia muito nesse banco.

Sei que na época a criação era bem mais rígida pra você poder sair. Você tinha que sair com pessoas em comum, que tanto meu avô quanto minha avó conheciam. Tinha horário pra sair, horário pra voltar. Na época que meus pais namoravam também era bem complicado. Era aquela coisa de: “Namora aqui na minha frente. Vocês não vão sair até que a gente diga quando vocês podem e pra onde vocês podem ir, [a] que horas vocês vão sair e [a] que horas vocês vão voltar.”

Vi poucas fotos da minha mãe quando ela tinha, vamos colocar, de zero a dez, quinze anos. De verdade, não sei muita coisa.

P/1 – E o encontro dela com seu pai?

R – Eles se conheceram quando ela trabalhava no banco, no Bradesco.

P/1 – E aí eles casaram direto, tiveram filhos? Como foi esse processo?

R – Eles namoraram durante um tempo, acho, até chegar o momento de casar. Eu não sei dizer quanto tempo de namoro, mas sei que eles casaram no ano de 1985, que foi o mesmo ano que meu avô faleceu. Eu não sei dizer o mês.

Eles casaram, moraram um bom tempo de aluguel; quando eu nasci e até mais ou menos uns cinco, seis anos de vida, nós moramos num apartamento que era alugado. Eu nasci no ano de 1987, então vamos colocar uns dois anos depois que eles se casaram.

A gente teve essa vida de pai, mãe e filho sob o mesmo teto, até mais ou menos os meus doze, treze anos, até que eles se separaram. Mais da

história eu não consigo recordar.

P/1 – Você sabe por que eles escolheram o nome de Emerson?

R – Sim. Quem escolheu foi meu pai. Acho que eu vou falar algumas besteiras aqui, mas foram umas coisas que eu já ouvi dele. Eu não sei dizer se no ano anterior que eu nasci o Emerson Fittipaldi foi campeão na Fórmula 1, não tenho certeza disso, mas pelo fato do Emerson Fittipaldi ter sido um brasileiro campeão mundial de um esporte de bastante repercussão na época, junto ao Emerson Leão, que foi goleiro da Seleção Brasileira... Se eu não me engano, foi goleiro também quando ela conquistou um dos títulos mundiais. Posso estar errado falando isso. Ele decidiu colocar meu nome de Emerson porque eram referências que ele tinha, de pessoas que tiveram sucesso. “Eu vou colocar o nome do meu filho de Emerson, porque ele vai se tornar uma pessoa com referência pra ter sucesso na vida”. Talvez não pra ser campeão mundial de Fórmula 1 ou campeão mundial da Copa do Mundo, mas uma pessoa de sucesso na própria vida, nos seus objetivos pessoais, nas suas metas.

0

P/1 – E você sabe alguma história sobre o seu nascimento? O dia que você nasceu. Já conversou sobre isso?

R – Eu nasci de cesárea. Eu acho que eu já estava - quando chegou no dia 21 de janeiro – realmente no período pra nascer. Eu não sei se tinha marcada outra data, não sei naquela época como funcionava isso - se minha mãe já contou eu realmente não prestei atenção - mas calhou de: “Vamos fazer a cesárea e vai ser nesse dia.” E precisou fazer, realmente, a cesárea, porque eu não estava na posição pra parto normal; se demorasse um pouco mais, na posição que eu estava, podia correr o risco do cordão umbilical passar pelo pescoço. Tinha que fazer e foi assim. Nasceu-se.

P/1 – Eu ia pedir, se você pudesse fechar os olhos... A gente vai pegar uma vara de pescar, jogar pro mar das lembranças e você vai me dizer qual é a sua memória mais antiga. A primeira lembrança que você tem da sua vida.

R – Eu pulei do berço. O quarto estava escuro, mas é como se tivesse uma luz de corredor ou de abajur, acesa.

P/1 – Pode abrir. Então, você pulou do berço?

R – Pulei do berço.

P/1 – Esse berço era numa casa?

R – Era num apartamento.

P/1 – Como era esse primeiro lugar que você morou?

R – Não era um apartamento grande. Móveis da época, provavelmente era um berço de madeira. Era um apartamento que tinha aquelas estantes onde num bloco era TV, no outro era o rádio; tinha umas portas aqui embaixo pra você colocar jogos, tralha, bebida. (risos) Tinha porta-retrato, vaso, um toca-discos e um espaço pequeno pra você poder colocar alguns discos. Meus pais sempre gostaram muito de música, então [era] viável o toca-discos.

P/1 – O que eles ouviam?

R – Meu pai sempre gostou, eu não sei a definição, mas eu vou colocar como música disco, de discoteca. É o que misturava meio aquelas músicas de bailes da época, anos 70, 80, dançantes, que tinham ou não cantores; às vezes era só a melodia, mesmo. Aquelas músicas mais projetadas.

A minha mãe sempre gostou... A ascendência dela é do meu avô, interior da Bahia não sei se isso tem muito a ver, mas ele sempre gostou muito de música sertaneja e a minha avó é do interior de São Paulo, então é uma característica mesmo dela música sertaneja. Eu me lembro que minha mãe ouvia muito Zezé de Camargo e Luciano, tanto que tem umas músicas deles que, apesar de eu não gostar, estão na cabeça até hoje. E até canto inteira, mas...

P/1 – Quer cantar pra gente?

R – Não. Essa eu vou ficar devendo. (risos) Mas sempre foi isso, sempre gostaram de música. Meu pai mais essas músicas disco, mais antigas, um pouco dos rocks antigos também, mas eu acho que era mais essa coisa mesmo de discoteca, de bailes.

Lembro que quando eu era pequeno, na hora de tomar banho, tinha um sabonete que era do Snoopy. Era uma casinha e tinha o bonequinho do Snoopy deitado em cima. Era com esse sabonete que eu tomava banho, geralmente. Lembro que eu tinha problema de bronquite, de asma e então teve algumas noites que, por dificuldade de dormir, essas coisas, meus pais acabavam ficando comigo ou eu dormia com eles. Houve uma ocasião - a gente morava num apartamento que tinha carpete – que, por algum motivo, eu me levantei da cama, fui pro quarto deles e deitei no chão do carpete. Deitei e dormi lá. Essa é uma lembrança que veio aqui também agora. Quando a gente puxa, vem uns negócios.

P/1 – Vamos seguir jogando a rede no mar. Com seu pai, o que você lembra da infância? Você em contato com seu pai.

R – Já vi fotos dele pequeno, muito diferente de como ele é hoje. Tem uma foto que ele tirou na época de escola. Meu pai, sempre as pessoas disseram e ele mesmo diz, que ele sempre foi muito bagunceiro, terrível, de ser chamado na escola porque dava problema, arrumava briga. Meu pai - acho que é uma característica dele [até] hoje - é muito sarrista. Acho que ele gostava de provocar as pessoas, de botar apelido. Sempre faz isso.

P/1 – Você lembra? Ele te provoca também?

R – Provocava.

P/1 – Tem algum exemplo?

R – Ah, meu pai já colocou vários apelidos em mim. Principalmente Linguíça, me chamava de Linguíça, não sei por qual motivo. Teve uma época que eu trabalhava em banco e ele era correntista dessa agência que eu trabalhava. Chegou na agência e contou pra todo mundo que o meu apelido era Linguíça. Falou: “Chama de Linguíça, ele não gosta. Pode chamar, vocês vão ver, ele não vai gostar. Quer provocar, chama.”

Eu lembro de ter visto uma foto dele que vai muito ao contrário do que relatavam ou ele mesmo conta: ele ganhou uma medalha na escola que estudava, de primeiro lugar. Era o aluno primeiro lugar da sala. Fazia as atividades, entregava, tirava as melhores notas, mas era o bagunceiro. Lembro disso.

Ele conta umas histórias... Meu pai teve muito contato... Pela família ter vindo do interior de São Paulo, da cidade de Limeira, ele tem muitas histórias do pessoal no sítio, nas chácaras. Nós temos alguns parentes que moram em sítio até hoje.

P/1 – E você ia em sítio também?

R – Eu cheguei a ir algumas poucas vezes, mas não a quantidade de vezes que ele ia.

P/1 – Mas as vezes que você ia, onde era?

R – Não era em Limeira. Acho que era mais ali na região de Cosmópolis ou mais próximo de Piracicaba, mas era legal porque tinha todos os outros primos, tanto do meu pai, quanto os meus. Irmãos da minha avó, irmãos do meu avô também iam lá.

P/1 – E teve com esses primos alguma história de moleque que te marcou?

R – Eu lembro que a gente, uma vez... Acho que foi uma das últimas vezes que a gente se reuniu em sítio e até antes também dos meus pais se separarem. Uma das irmãs da minha avó, tia Dulce, comemorou não sei quantos anos de casamento. Fizeram uma festa num sítio que eles tinham e aí tinha tudo quanto era primo, de todos os lados da família. Foi na época que a gente estava, eu acho, na Copa de 98, então estava todo mundo vestido de Brasil, porque ia ter jogo. Foi uma festa bacana e você brincava bastante.

De primos acho que a única lembrança que eu tenho, próxima... Eu tenho vários primos, mas de novo, só da minha prima que mora no interior hoje, a Evelyn, que é filha da irmã do meu pai, que eu sempre fui próximo.

Quando eu nasci, eles moravam aqui em Guarulhos ainda. Meu tio recebeu uma proposta pra trabalhar numa empresa que era de Limeira. A minha prima tinha muitos problemas de saúde relacionados à bronquite; na época, o médico que a atendia dizia que era relacionado à cidade, à poluição. O local, também - eles moravam em Guarulhos, ali no Cecap; naquela época a gente podia dizer que era próximo do aeroporto. Talvez, essa questão de estar próximo, de ter aeronaves... Não sei, talvez, na visão dele, podia desencadear algum problema, então eles foram pro interior. Mas ela tem contato comigo desde quando eu nasci.

P/1 – Essa prima?

R – É. Eu me lembro das vezes que a gente viajava e passava alguns finais de semana lá, quando eu ia com a minha avó e [a gente] passava os finais de semana lá. A gente tinha bastante contato, brincava...

P/1 – O que vocês faziam?

R – A gente brincava, jogava muito bingo, videogame, jogos de tabuleiro, Banco Imobiliário, batalha naval, dama. Tentava jogar xadrez, jogava baralho, uma coisa bastante antiga. Ela tinha os primos dela - ela é minha prima, vamos dizer assim, por parte da minha tia ser irmã do meu pai, mas ela tinha os primos dela por parte do meu tio, esposo da minha tia, que também tinha uma parte da família lá, então muitas vezes os primos também vinham.

Muitas vezes, quando nós estávamos lá em Limeira, nós íamos pra casa dos primos. Foram pessoas que, até um certo tempo, eu tive bastante contato. Jogava bola.

Minha prima jogava vôlei, jogava pelo time do Sesi de Limeira. Ela ganhou bastante medalhas, disputou bastante campeonatos por lá e gostava muito de jogar. A gente brincava de vôlei, andava de bicicleta.

P/1 – Nossa! Rapaz!

R – Bastante coisa.

P/1 – E que mais que você brincava com outras pessoas? Ou era só com ela?

R – Não, brincava com outras pessoas. Quando eu morava, por exemplo, nesse apartamento, que era no Lauzane Paulista, na zona norte de São Paulo, tinha...

P/1 – Onde era?

R – Lauzane Paulista, o bairro na zona norte de São Paulo. Tinha as crianças do prédio. Como eu morei lá até acho que uns seis ou sete anos de idade, tinha as crianças do prédio com as quais a gente também brincava. As brincadeiras que a gente fazia, de verdade, não me lembro, mas me

lembro que caí algumas vezes e voltei machucado pra casa.

Eram vários blocos. Você tinha acesso aos outros blocos, sempre tinha uma criança de um outro bloco que conhecia alguém daqui e aí juntava. Eu não me lembro de muitas coisas, mas brincava bastante.

P/1 – Ia te perguntar o que você lembra do Lauzane Paulista, desse bairro. Você tinha alguma interação com o bairro, ou ficava só no prédio?

R – Tinha um local que meu pai me levava, uma areinha lá pra poder sentar, brincar, alguma coisa. Tinha uma espécie... Eu não sei dizer se era um clube, uma associação, mas tinha lá as pistas de bocha. Só fui saber que aquilo era uma pista de bocha muito tempo depois, mas tinha um pessoal que jogava. Tinha, obviamente, quadra de futebol. Eu acho que era isso.

Acho que a interação com o bairro, naquela época, foi essa. Era prédio, não tinha aquela coisa de sair pra brincar na rua. Tinha aquela coisa de ir pra área comum do condomínio do prédio, pra você poder brincar com as outras crianças que estavam lá.

P/1 – Como é viver dentro de um prédio? Você sentia vontade de sair?

R – Naquela época, eu não sei dizer. Acho que eu não tinha curiosidade pra saber como seria, por exemplo, brincar na rua. Eu tive isso depois que eu me mudei de lá, quando meus pais realmente tiveram a casa deles e nós moramos numa casa, onde você tinha um portão aberto e via crianças na rua, brincando.

P/1 – Isso foi com quantos anos?

R – Isso foi nessa transição, acho que dos cinco, seis.

P/1 – Ah, cinco ou seis anos.

R – Eu nasci em 1987. Em 1992 nós nos mudamos, então [foi com] cinco anos.

P/1 – Por que eles se mudaram? Como foi esse processo?

R – Meu pai comprou um terreno, acho que por um pouco de pressão da família, principalmente da família por parte da minha mãe, porque foi no mesmo bairro onde meus avós maternos moram. Era um bairro que estava crescendo, mas ainda tinha muitos loteamentos, e aí ele comprou um terreno lá, começou a construir.

O contrato de aluguel, pelo que eu sei, tinha vencido. Ao invés de renovar, pra gente continuar no apartamento no Lauzane até a casa ficar pronta, nós moramos uns seis meses, mais ou menos, na casa da minha avó, mãe do meu pai, pra depois ir definitivamente pra casa que eles compraram. A partir daí, da casa... Eu lembro que quando cheguei lá, não lembro se foi no primeiro ou segundo dia, eu desci do carro e já veio um vizinho de frente perguntar quem eu era, se eu ia morar aí. “Meu nome é Danilo”, era o nome do menino...

P/1 – E aí já fez amizade com o Danilo?

R – Fiz amizade com o Danilo e depois fui fazendo amizade com as outras pessoas da rua.

P/1 – Tinha vários?

R – Tinha. Tinha outros meninos.

P/1 – E quais eram as brincadeiras de rua que vocês faziam?

R – Jogava bola. Depois que eu aprendi a andar de bicicleta, andar de bicicleta, esconde-esconde, bolinha de gude...

P/1 – E de jogar bola, você tem alguma memória marcante de algum jogo que teve?

R – Eu disputei um campeonato por um clube ali da região que a gente era sócio na época; eles organizaram uma olimpíada e vários outros times ou clubes próximos foram convidados. Na época eu fazia escolinha de futsal, futebol de salão, e o time do clube foi o campeão. Só que eu só joguei um jogo, porque tinha muita gente, né? E, obviamente, tinha os melhores. Dá pra saber que eu não sou tão bom, até por conta do time que eu torço, que não é lá essas coisas. (risos)

P/1 – Como foi que você começou a torcer para a Portuguesa?

R – Uma vizinha minha - história repetida, essa - já ia aos jogos. (risos) Era até esquisito porque ela pintava o cabelo de vermelho também e sempre comentava que ia nos jogos, que ela gostava. O filho dela sempre levava. Ela sempre dizia: “Vou te levar no jogo, você vai ver que é legal”, mas ela nunca, de fato... Sempre convidou, mas nunca, de fato, chegou e falou: “Eu vou hoje, vamos?” Ou então: “Estou indo pro jogo, vamos lá?” Nunca foi isso.

Essa curiosidade despertou muito tempo depois. Eu simplesmente fiquei sabendo que ia ter o jogo. Já tinha internet. Pesquisando, vai ter tal jogo, tal hora, tal dia, são vinte reais o ingresso. Peguei o ônibus e fui assistir o jogo.

Assisti o jogo. Eu não lembro com quem jogou, mas a Portuguesa não ganhou. Daquele dia em diante eu comprei uma camiseta e fui em outros jogos, convidei outras pessoas pra poder ir nos jogos comigo. Foi assim.

P/1 – O seu pai não era Portuguesa?

R – Não, o meu pai e a minha mãe torcem pro Corinthians.

Eu torcia pro Corinthians. Tem foto minha com camiseta do Corinthians, quando eu era pequeno, mas chegou um tempo que futebol, pra mim, perdeu a graça, então eu deixei de torcer pro Corinthians. Inclusive peguei raiva de torcer, parei mesmo de acompanhar futebol também, até que chegou a esse ponto da Portuguesa. E aí falei: “Meu, nunca fui num estádio assistir jogo.”

P/1 – Isso foi com quantos anos, da Portuguesa?

R – Vamos colocar aí uns dezoito, dezenove anos.

P/1 – E aí você começou a ir no estádio?

R – Comecei a ir no estádio.

P/1 – Memórias, então, do Canindé. Quais são as memórias do Canindé?

R – Teve uma vez que eu fui assistir um jogo depois de ter feito uma prova. Tem uma faculdade ali perto - na verdade, tem várias faculdades ali perto. Eu estudava na Unip e aí precisava sair a pé, atravessar o shopping, atravessar a ponte Cruzeiro do Sul - você sai ali da estação Tietê, atravessa a Marginal Tietê pra ir pro Shopping D e poder ir pra lá.

Eu tinha acabado de fazer a prova. Fiz a prova correndo pra poder ir assistir o jogo. Cheguei lá, começou a chover e eu não tinha guarda-chuva, não tinha nada.

Tinha um pessoal que estava com mochila, de guarda-chuva. O jogo não tinha começado ainda, eles estavam cantando o hino. Eu cheguei, de livre e espontânea vontade, e falei: “Posso emprestar o guarda-chuva?” e aí eles: “Pode, vem cá.” Vi [que estavam] de mochila, falei: “Vocês estão de mochila, estão vindo de onde?” “A gente está vindo da Unip. A gente acabou de fazer a prova e veio pra cá assistir o jogo.”

A galerinha que estava ali, que acho que era umas três ou quatro pessoas, todos torciam pra Portuguesa. Devia ser família, não perguntei. Fui assistir alguns jogos, levei meu irmão pra assistir Portuguesa x Corinthians umas três vezes. Meu irmão também torce pro Corinthians. A gente assistiu um Portuguesa e Corinthians num calor absurdo, meu irmão até passou mal nesse dia. Assistimos um Portuguesa x Corinthians num frio absurdo. Nenhum dos jogos que a gente assistiu teve vitorioso. Todos foram empate.

Já fui assistir jogos com a minha mãe. Levei o meu avô pra poder assistir um jogo, uma vez, Portuguesa x Santos, pra ele poder ver o Neymar. (risos) Memórias do Canindé.

P/1 – E qual foi o jogo mais emocionante que você viu?

R - Portuguesa e Guarani.

P/1 – Como é que foi?

R – Cheguei lá supercedo, eu achava que o jogo ia ser às sete - era às nove. [Às] sete horas em ponto eu cheguei, achando que ia chegar atrasado. Entrei, comprei meu ingresso; fiquei lá, conversando com algum pessoal, tomei um caldo verde. Era pelo Campeonato Brasileiro da Série B, se eu não me engano. Não lembro o ano agora. Vou chutar 2008, mas eu acho que não era.

O primeiro tempo acabou, estava 3 x 1 pro Guarani. A gente saiu na frente, mas o Guarani meteu três gols. No segundo tempo eu fiquei no meio da organizada, da Fabulosa, atrás do gol onde a Portuguesa teria que fazer. E fez. O jogo acabou 4 x 3 pra Portuguesa.

Acho que esse jogo foi um dos que eu mais torci, que eu mais tive interação com pessoas que eu não conhecia, principalmente com torcida, porque a gente estava cantando o tempo todo, provocando a torcida dos caras o tempo todo.

Não tinha muita gente no estádio. A posição que a torcida estava, do time do Guarani, favorecia o eco; se tivesse dois caras lá a gente ia ouvir do lado que a gente estava, porque favorecia o eco e a gente sempre tentava cantar mais alto, empurrando o time e foi até o último, o último... O quarto gol, o gol da virada, saiu nos acréscimos, senão teria terminado 3 x 3.

Eu acho que esse foi o jogo mais... Posso falar assim: “Já vi jogo no Youtube”, mas que eu assisti, acho que esse, até hoje, foi o mais espetacular. Eu não assisti nenhum jogo da época da Barcelusa, por exemplo. Nessa época trabalhava e estudava e aí eu não conseguia ir. Por cansaço, por preguiça, por preferir fazer outras coisas, eu realmente não assisti nenhum jogo. Foi também uma campanha espetacular da Portuguesa em 2011, mas esse 4 x 3 do Guarani...

No final do jogo os jogadores estavam dando entrevista; não tinha ainda o alambrado numa das curvas ali, no escanteio, então era só o corrimão, mesmo, que tinha ali. Era alto, mas tinha. O goleiro da época estava dando entrevista ali e a galera da torcida gritando pra ele jogar a camisa. Eu estava com uma sacola nesse dia, tinha vindo do shopping, e o cara que estava desse meu lado pegou a camisa. Se eu não estivesse com a sacola, eu tinha conseguido me esticar e pegar. Ele só pegou porque ele se esticou.

Acho que esse foi o jogo mais... Pode não ter sido muito coisa, mas pra mim, que estava no estádio e ainda era novidade, porque fazia pouco tempo que eu torcia... Eu só tinha uma camiseta, eu acho.

Lembro que eu estava vindo embora. É meio estádio de português, porque você precisa atravessar a Marginal e o Canindé inteiro pra poder entrar na área onde a torcida da Portuguesa entra. A torcida adversária entra aqui, na metade do caminho, só que o estacionamento também é aqui, então se você sai e a torcida sai, dá encontro. Aquele dia, pra voltar, foi um cagaço só. Não eram muitos torcedores, mas eles estavam com tambores, uniformizados e eu um cagaço de: “Meu, vou apanhar aqui, porque eu preciso andar até o ponto do ônibus, até a estação do metrô, pra poder voltar pra casa.” Lembro que eu só ouvi uma voz, uma mulher falando: “Jogaram bem, parabéns!” Depois...

P/1 – E do Canindé para... Qual é a rua que você mudou, no Lauzane?

R – Saí do Lauzane pro... O bairro que chama Jardim Atalba Leonel.

P/1 – Para lá? (risos)

R – Vila Zilda.

P/1 – Que é zona norte também?

R – Zona norte também.

P/1 – Qual foi a primeira vez que você foi na escola?

R – Era uma escola que ainda era no bairro onde a minha avó morava, o Parque Edu Chaves, também na zona norte. Ela me matriculou lá porque era uma escola de boa referência, minha avó que insistiu em fazer a matrícula lá.

O horário era meio diferenciado, eu estudava das onze às três, três e meia. Minha mãe tinha que me deixar na minha avó, eu almoçava lá, tomava banho, essas coisas; ia pra escola, ela me levava, depois me buscava e meus pais me buscavam à noite, na casa da minha vó.

Na verdade, essa foi a primeira série. Teve uma outra escolinha que eu fiz lá, que tinha o tal do Jardim I, Jardim II e o pré não sei o que e eu fiquei estudando um tempinho lá. Inclusive, nessa escolinha, que também era no bairro do Parque Edu Chaves, onde minha avó morava, foi onde eu rasguei minha orelha. Eu estava brincando e correndo, aí eu caí, bati numa quina, num jardinzinho que tinha lá. Tem aqueles alumínio que protegem a construção, o rejunte dos pisos, só que era um alumínio pontudo, então eu caí, bati a cabeça e estourei a orelha. (risos)

P/1 – Nossa! Mas aí teve que dar ponto?

R – Teve.

P/1 – Foi pro hospital?

R – Fui. A diretora me levou no hospital. A diretora me colocou no carro dela, passou na casa da minha avó, pegou [ela], levou a gente pro hospital, aí deu ponto.

P/1 – E na escola, como você era? Você aprontava muito, era estudioso?

R – Dessa época, da pré-escola até entrar na primeira série, eu não lembro muito porque as atividades, eu acho, eram mais pré-educacionais. Você aprendia a ter contato com as letras, essas coisas, mas eu não me lembro de muita coisa.

P/1 – E na outra escola?

R – Na primeira série eu lembro que eu era muito meu pai. Eu cutucava, brincava, fazia as coisas, só que eu fazia rápido. Enquanto os outros estavam fazendo, eu já tinha acabado, então eu ficava provocando. Minha mãe foi chamada na escola porque o menino não quis me dar uma bala e eu o furei com o lápis. (risos) Furei o braço dele com o lápis.

P/1 – Você já chegou a ser suspenso?

R – Não.

P/1 – Nem advertência?

R – Advertência já tomei uma, mas suspenso, não.

P/1 – Foi por essa?

R – Não, não foi por essa. Foi numa outra escola, eu acho que já na segunda ou terceira série.

P/1 – Por quê?

R – Eu acho que também por provocação. Ficava provocando o pessoal da sala, aí arrumava briga, alguma coisa do tipo, aí teve advertência.

P/1 – E tinha algum professor que te inspirava, que você olhava assim... Teve algum momento de aprendizado marcante?

R – Eu lembro que... Acho que na segunda série, mesmo. Foi na época que eu troquei de escola, porque a primeira eu estudei num bairro e a segunda eu já vim pro bairro onde eu morava, mesmo.

Eu tinha uma professora que era bem senhorinha, era bem paciente, simpática, e aí ela parou de dar aula. Não sei se aposentou ou se ela foi substituída, mas entrou outra professora - Elza, o nome dela. Eu criei uma rejeição muito grande dela; não queria ter aula com ela, não fazia as coisas, as atividades na aula dela e meus pais foram chamados várias vezes pra reunião, essas coisas, até que chegou num ponto que essa rejeição acabou e eu tive amizade com ela durante um bom tempo. Mesmo depois de ter saído daquela escola, eu a reencontrei muito tempo depois e a gente criou uma amizade muito bacana, de ir na casa dela, inclusive.

P/1 – Nossa! O que virou a chavinha?

R – Não sei. Não lembro.

P/1 – Mas você sabe por que você não gostava dela, de cara, também?

R – Eu acho que era rejeição por ter saído uma pessoa que me agradava e entrado outra que eu não conhecia.

P/1 – E além da professora, tinha algum assunto que te encantava?

R – Nessa época, na escola, eu acho que era mais a brincadeira. Era mais o contato com criança, brincadeira ou fazer amizade, essas coisas. Não tinha: “Ah, eu sou interessado numa matéria.”

P/1 – Você tinha algum melhor amigo?

R – Não. Eu sempre tive amigos, mas não tenho contato com nenhuma pessoa hoje, da pré-escola. Até é uma coisa que eu fico pensando. Tem pessoas que levam isso pra vida inteira.

Eu sempre tive amizades, mas nunca melhor amigo que estudei junto comigo. Eu tenho amigos que estudamos juntos, mas que eram de séries diferentes. A gente se encontrava. São amizades que eu tenho até hoje, mas foram em períodos escolares diferentes, não esse da primeira série, segunda série, terceira.

Já reencontrei amigos da época de quinta, sexta série, que fazia bastante tempo que não via. Na verdade, a pessoa me viu e aí veio perguntar se eu realmente era, porque eu não reconheci, mas melhor amigo, assim..

P/1 – Deixa eu te perguntar: como foi a entrada na adolescência?

R - Ah, foi tenso. Foi bastante conturbado, eu acho, pela questão da separação dos meus pais, que aconteceu meio que nesse período. Entre doze, treze anos, um tempo depois, a minha mãe acabou engravidando de novo, mas aí já foi fora do casamento; o meu irmão não é filho do meu pai.

Acho que foi um período de revolta, de querer se afastar bastante. Tem aquela questão: “Ah, está se separando, a culpa é sua.” “Não, a culpa é sua.” Uma família fica buzinando aqui, a outra família fica buzinando aqui.

Nessa época, uma das irmãs da minha mãe, a mais nova, ia se casar; foi bem nessa época que aconteceu a separação, então vai convidar, não vai convidar, tem um convite, não tem um convite, pode ir, não pode ir... Ficou um negócio meio chato e eu ouvia muito as pessoas criticando, porque o meu pai sempre foi rigoroso, criterioso. Meu pai sempre foi chato na questão que as coisas têm que acontecer baseadas num sistema, num método. Ele é sistemático, é metódico; as coisas deveriam acontecer segundo aquilo que ele achava que era o melhor e eu acho que, por conta disso, o casamento não deu certo, porque minha mãe era diferente. Talvez ela fosse mais espontânea e ele fosse mais aquilo de “se isso está acontecendo, tem que acontecer dessa forma”.

É o famoso “se começou errado, termina errado.” Não que isso seja a verdade absoluta, mas acho que era a ideia dele na época. Isso causou bastante chateação, porque eu ouvia muitas conversas. Eu ouvia meu pai reclamando muito. Tanto que teve uma época, logo que aconteceu a separação, que eu morei bastante tempo com ele, porque quem saiu de casa foi a minha mãe; até a gente conseguir estabelecer o que ia ser feito, como seria feito, a decisão de ir morar com a minha mãe - até porque na época, um tempo depois, ela acabou ficando grávida de novo, então, sei lá... [Pensei:] “Eu vou ficar junto, porque é o meu irmão.”

Tinha toda essa situação confusa, mas acho que isso foi o que mais pesou. Só que, em contrapartida, veio uma liberdade que eu não tinha. Veio uma liberdade de conhecer outras pessoas, de ficar até mais tarde na rua, justamente pelo fato de eu ter saído do convívio metódico e sistemático e entrar num convívio compartilhado; ao invés de determinar o que ia acontecer, as pessoas começaram a criar confiança em como eu ia me comportar. Eu saía mais, ficava mais tempo na rua; na época eu tinha os meus amigos, a gente andava de bicicleta, de skate, jogava bola na rua, tocava violão, então ficava até mais tarde. Ficava um na casa do outro. Veio essa liberdade de, sei lá, “vamos assistir um filme, vamos num shopping, num cinema.” “Vai ter uma festa de alguém e a gente conhece, vamos lá.”

P/1 – Mas nessa da separação, você lembra o que sentiu quando viu que eles iam se separar?

R – Foi bastante chato, porque você está... Acho que a cabeça estava se formando ainda, então, talvez a mentalidade ainda fosse um pouco de criança, no sentido de: “Sempre estive aqui junto, sempre foram os dois, por que vai se separar? Como vai ser? Por que isso está acontecendo?” Era um monte de dúvidas que não eram respondidas, obviamente por conta das situações que estavam acontecendo. Não vamos expor, trazer à tona o que está acontecendo, porque você não tem cabeça pra poder digerir isso, pra poder entender o que está gerando, o que levou a isso. Acho que trouxe bastante chateação nesse ponto, mais a chateação de você ouvir as pessoas criticando: “Vamos criticar o pai porque o pai é assim, critica assim, não apoiou.” “Vamos criticar a mãe, porque a mãe também está se separando, que não sei o quê.” Eu acho que foi mais isso que gerou essa...

P/1 – Você tinha alguém com quem conseguia falar sobre isso, pra processar...

R – Nessa época, não. Nessa época, na verdade, as pessoas tentavam conversar, mas não era o que eu queria falar. Não era o que eu queria ouvir e não era o que eu queria conversar.

Eu lembro que quando os meus pais chamaram meus avós maternos, que eram os próximos, pra poder conversar ou dizer que realmente ia ser feito aquilo, que eles iam se separar - dar os motivos, a satisfação - eu fui pra casa dos meus avós, pra não ouvir a conversa. Não lembro se as minhas tias estavam lá ou se só uma delas estava lá, que já sabia também o que estava acontecendo e aí ela ficava fazendo alguns comentários,

tipo atirando no escuro: “Fica tranquilo, porque essas coisas passam. Agora a gente fica chateado, mas...” É como se eu tivesse na posição, por exemplo, do Alisson [o câmera da entrevista]. É como se eu estivesse na posição dele, só estou ouvindo. Era como eu processava, mas não era o que eu queria ouvir. Não era o que eu queria que acontecesse naquele momento, então: “Não, fica tudo bem. Você está bem?” Eu balançava a cabeça, mas uma pessoa...

Eu acho que naquele tempo eu não tinha ainda esse negócio de preciso conversar com alguém, pra tirar de dentro de mim esse negócio que está acontecendo, pra me sentir melhor ou alguém falar alguma coisa que me ajude a me sentir melhor. Naquela época não tinha.

P/1 – Você tinha, mais ou menos, quantos anos?

R – Uns treze, quatorze, por aí. Acho que mais treze do que quatorze, porque a minha diferença de idade pro meu irmão é de quatorze anos. Então...

P/1 – Mas quem separou foi a sua mãe, né? Ou seu pai que saiu de casa?

P – Minha mãe que saiu de casa.

P/1 – E como você manteve a relação com a sua mãe saindo? Como foi esse contato?

R – Ela ficou um tempo morando na casa dos meus avós. Era próximo, coisa de dois minutos a pé. Só que durante a semana, como tinha escola, as atividades daquela época, eu ficava em casa, porque as minhas coisas estavam em casa, onde meu pai mora. Ela também trabalhava, então ela chegava tarde do trabalho e aí eu acabava passando mais tempo com meu pai do que com ela; ficava só nos finais de semana, até que depois, com o processo da separação mesmo, meu pai decidiu ficar com a casa, então ele comprou a parte dela. Com essa parte que ela recebeu do divórcio, ela comprou a casa dela, que é onde a gente mora hoje, que também é no mesmo bairro, superpróximo, dois minutos a pé também.

P/1 – Eu tinha te perguntado antes como era a relação com o seu pai, mas eu acabei não te perguntando o que você tinha, de memória, da sua mãe. Quería que você dissesse um pouco o que você lembra do seu contato com ela. Como era a sua relação com ela?

R – Ah, minha mãe, a relação é... Tem horas que é boa (risos) e tem horas que não é. Nessa época foi diferente demais estar perto e entender o que estava acontecendo.

Na verdade, uma boa parte do motivo da separação... Eu sei o que aconteceu e esse saber veio da parte dela. Essa parte me chateia, mas eu acabei optando por ficar junto, acho que mais pela questão da personalidade, por ela ser mais flexível, mais espontânea também. Se eu moro com meu pai, eu tenho regras de horários, regras de coisas a fazer, de tarefas, por exemplo; com a minha mãe, eu tenho essa liberdade de fazer se ela pedir, se ela mandar. Eu vou voltar mais cedo se ela me pedir, mas acho que tem essa questão da confiança, eu tenho mais liberdade de trazer alguém pra casa.

Tem um detalhe que, mesmo depois da separação dos meus pais, houve uma época que eu e minha mãe discutíamos bastante. Meu irmão era bastante pequeno e a pessoa com quem a minha mãe era casada na época tinha um comportamento totalmente diferente do que eu estava habituado na questão de família, quando éramos eu, meu pai e minha mãe. Voltei a morar com meu pai durante um período, só que não deu certo pelas mesmas questões de antes: de ser sistemático, de ter regras, das coisas terem que ser feitas do jeito dele.

Meu pai, por exemplo, não queria que tivessem pessoas em casa na parte da noite. Eu me lembro que uma vez eu voltei da faculdade e encontrei um amigo meu. Era aquela época das séries, a gente tinha os DVDs e aí falei: “Meu, vem cá, vou te mostrar um negócio.” Meu pai chegou em questão de alguns minutos, mas era uma coisa rápida e aí meu pai chegou: “Já falei pra você que não era, e aí? Você está descumprindo regra”, na frente da pessoa.

Depois cheguei pra ele e falei: “Você podia ter me chamado, ter falado pra eu falar pra pessoa sair e depois você me dava bronca, porque você me expôs. A pessoa ficou sem graça e é meu amigo, uma pessoa que você também tem contato e fica uma situação chata, por conta de uma regra sua. Ok, eu desrespeitei, mas você foi tempestivo. Ao invés de você ser passivo, pensar na sua atitude pra não criar essa situação desconfortável...”

Por várias outras coisas parecidas que foram acontecendo, essa foi a última experiência que eu tive de morar junto com o meu pai. (risos)

P/1 – Você disse que o marido da sua mãe tinha um comportamento que você não estava habituado.

R – Sim.

P/1 – O que era?

R – Apesar de eu criticar essa questão de ser sistemático, de ser regrado, eu acabei aprendendo não a ser regrado. Mas algumas coisas precisam acontecer pro bom desenvolvimento da casa, vamos dizer assim.

O comportamento dele era: “Tem uma torneira vazando. Não vamos comprar uma torneira nova, vamos tentar arrumar, pra ver se dá certo.”

Você faz isso uma vez, faz duas, faz três, até chegar num ponto que não dá mais.

“Ah, eu preciso ligar uma televisão e um rádio, só que eu só tenho uma tomada. Vamos comprar um benjamim.” Daqui a pouco, o benjamim tem três negócios lá, mas eu preciso ligar outro negócio, então desliga... Eu falava: “Meu, por que a gente não coloca um espelho com várias tomadas ou uma régua cheia de tomadas, pra não ficar...”

P/1 – Entendi. Vai sempre dando um jeitinho ali?

R – É, sempre o jeitinho brasileiro. “Vou comprar um negócio aqui, um negócio ali.” Ia acumulando coisas na casa, e a casa não era espaçosa.

Você começa a perder espaço, literalmente, por tralha que estava guardada em espaços que você podia receber... Sei lá, ter lá um sofá, uma cadeira.

P/1 – Você falou dos irmãos. Você tinha quantos irmãos, mesmo?

R – Eu tenho um irmão.

P/1 – Quantos anos mais novo?

R – Catorze.

P/1 – Esse irmão nasceu logo depois da separação?

R – Logo depois.

P/1 – Qual é o nome dele?

R – Pedro.

P/1 – Como foi isso, ver que sua mãe engravidou, a chegada de um irmão?

R – Foi confuso, mas com o passar do tempo você vai acostumando, vai brincando com a barriga... “Putz, daqui a pouco vai nascer.” “Putz, nasceu.” Carregar uma criança, com quatorze anos, é como se eu... Não é exatamente esse o pensamento que eu tenho, mas eu acho que a sensação é meio parecida, como se eu fosse pai aos quatorze anos porque, do meu irmão nascer, até a gente ter a casa, pra poder ir morar e aí vir também a pessoa com quem a minha mãe foi casada, esse segundo casamento dela, foi um período que era só a gente. Então, está chorando, vamos lá pegar. Vamos dar mamadeira, aprender a trocar a fralda. Vamos brincar. Está aprendendo a andar, segura nos braços e começa a, sei lá, brincar de bola, tira uma foto aqui e tal. Acho que foi mais isso.

Eu sempre quis ter um irmão, porque todos os amigos que eu tive, o pessoal da rua que eu tive contato e depois as pessoas que eu fui tendo amizade de verdade, de chamar pra vir em casa, ir na casa, tinham irmão. Eu não sabia como era ter isso. É como você comprar um videogame de dois controles e você sempre jogar sozinho, aí você pensa: “Quem tem um irmão tem com quem jogar.” Dá pra você jogar um jogo de corrida, de luta, dá pra ter ajuda de alguém num jogo que você não está conseguindo passar de fase. É como se eu só pudesse jogar Mário, que é um jogo de um player só. Eu não posso jogar futebol. Você pode jogar com a máquina, ok, mas se eu quiser jogar com alguém diferente da máquina? A máquina é programada pra sempre fazer aquilo, então quando você pega o macete da máquina - naquela época, era o Super Nintendo - fica fácil.

Então, eu sempre quis ter, mas eu não sabia como era, aí veio o meu irmão. Só que ainda assim é diferente, porque eu sempre quis ter um irmão, mas vai demorar um tempo pra gente poder fazer algumas coisas parecidas, e hoje ainda a gente faz coisas diferente, na verdade. São poucas as coisas parecidas, porque quando eu tinha quatorze anos o mundo era de um jeito, as coisas eram de um jeito; a gente ainda tinha videocassete, por exemplo, e hoje a gente não usa nem DVD mais. A diferença continua sendo quatorze anos, mas como a gente assiste filme? É diferente.

P/1 – Já que você falou de filme, eu queria perguntar, nessa adolescência, o que você via de filme, o que você ouvia de música.

R – Ah, eu gosto de rock. Rock antigo, pesado, heavy metal, aquelas pauleiras, gritarias. Gosto de rock.

P/1 – Você ia em shows de rock?

R – Mais novo, não. Comecei a ir depois dos dezoito. Ia nessas casas independentes, [ver] banda cover.

O primeiro show de banda que eu fui acho que eu tinha 22, 23 anos. Foi um show, inclusive, no Canindé. Um festival que teve, várias bandas vieram tocar; teve uma banda internacional que eu gosto que veio tocar e aí eu fui nesse show. Mas naquela época que eu comecei a ouvir mesmo, [com] afinco, a gente não tinha idade pra ir e nunca tive a curiosidade de procurar.

Eu comecei a trabalhar registrado, com salário fixo, essas coisas, com dezenove anos, então só comecei a procurar essas coisas depois que eu já tinha atividade remunerada e podia fazer o que eu quisesse com o dinheiro que me sobrava. Mas antes disso, vamos colocar aí que eu comecei com quinze, dezesseis anos a ouvir mesmo, procurar mais sobre música. Nessa época, não sei dizer nem quanto custava um ingresso de show.

P/1 – Você chegou a ter um contato com leitura também?

R – Nunca fui fã.

P/1 – O que você fazia pra curtir quando era adolescente?

R – Ouvia música. Naquela época ainda estava na transição VHS e DVD, então alugava filme. Sempre gostei de filme de comédia, até acho que pela questão do meu pai, muito filme de ficção. Meu pai gostava muito de... Gostava não, meu pai gosta muito dos filmes do 007. Meu pai ficou chateado com a notícia da semana passada, que o Sean Connery morreu, porque foi o primeiro ator a fazer o 007. E são, na minha opinião também, os melhores filmes, os dele. E Star Wars, O Senhor dos Anéis, Matrix, são esses mais contemporâneos. De Volta para o Futuro. Esses filmes que eu falei agora são filmes que eu acho que vou passar o resto da vida assistindo, sem enjoar. Fiz minha noiva assistir há uns tempos os dois do Senhor dos Anéis: a Sociedade do Anel e As Duas Torres. Falta ainda O Retorno do Rei. Na hora que ela viu que o primeiro filme tinha duas horas e cinquenta e nove minutos, falou: “Não vou assistir nem brincando”. A gente assistiu em duas partes o filme, o primeiro. (risos) O segundo ela conseguiu assistir inteiro.

Filme sempre foi isso, a gente se reunia: “Saiu tal filme. Vamos alugar”. A gente ia, alugava. Alugar filme nessa época! “Eu aluguei tal.” “Mano, empresta o DVD pra eu poder assistir.” Emprestava. “Vamos assistir todo mundo junto.” Pipoca, pizza, esfirra a gente pedia bastante.

P/1 – Deixa eu te perguntar um negócio: tinha, na sua classe, no seu grupo, pessoas negras também?

R – Tinha.

P/1 – Você tinha amigos negros?

R – Tinha.

P/1 – Era mesclado, assim?

R – Sim. É claro que naquela época não... Talvez pela questão do bairro, até tinha, mas na minha sala, por exemplo, eu não lembro de um número considerável de pessoas negras, mas tinha.

P/1 – E você notava se tinha algum preconceito com elas?

R – Tinha os apelidos, mas entre criança eu acho que não existe preconceito. Eu acho que existe a questão de você criar o apelido. Até pode ter, mas no meu ponto de vista, eu nunca, de verdade, presenciei algo que desse a entender que alguém estava sendo preconceituoso, praticando o racismo, fazendo alguma coisa desse tipo. Eu nunca presenciei. Se eu presenciei, de verdade, passou batido.

Eu acho que esse é um assunto muito delicado. Meu avô é negro, embora minha mãe seja... Eu vou colocar caucasiana, igual a mim, mas o meu avô é negro, as minhas tias Dirce e Elaine são bem morenas - não diria negras, mas eu diria que elas são bem morenas. Tenho primos negros, tenho amigos negros, trabalho com pessoas negras, estudei com pessoas negras, tive professores negros e eu vou ser bem sincero: que diferença faz? Não são pessoas? Então, pra mim, isso... Eu não sei por que a gente precisa... Na verdade, eu sei, a gente sabe por que a gente precisa discutir esses assuntos: existe uma rejeição da sociedade, mas eu não entendo por qual motivo. Eu não entendo por que a gente tem que olhar pra outra pessoa e falar: “Mano, a pessoa é de cor. Não presta, não serve.”

P/1 – Ia te perguntar: esse bairro onde você morava era na periferia, não era?

R – Era.

P/1 – E tinha alguns alunos que passavam dificuldade com políticas?

R – Tinha. O meu primeiro amigo quando eu fui morar lá, o Danilo... A família [de] ele era bem precária, inclusive a mãe tinha histórico de uso de drogas. Eles eram em... Naquela época que eu cheguei, quatro irmãos. O pai trabalhava, mas assim, era pra sustentar.

Você percebia que a casa era diferente da minha. A cozinha da minha casa tinha azulejo, lá não tinha; o chão da minha casa tinha piso, a deles não tinha. Às vezes batia lá tipo um pacote de arroz, feijão, macarrão, açúcar, alguma coisa.

P/1 – Indo pra questão do amor, você lembra com quem foi seu primeiro beijo?

R – Não. Eu acho que não.

P/1 – Não lembra? E sua primeira namorada?

R - A primeira namorada eu lembro, mais ou menos.

P/1 – Então conte aí pra nós, não nos esconda nada. Quem foi sua primeira namorada?

R – A primeira namorada tinha... E estou tentando lembrar o nome dela, que fugiu. O nome dela era diferente, Mardete; é uma junção de Maria com Deusdete. Não é mentira, é verdade.

A gente estudou junto na quinta série e aí depois ela mudou de escola e aí, na época da transição, da separação, eu morei um tempo com os meus avós e aí, depois, a gente foi pra nossa casa, então eu tinha bastante contato com as pessoas que moravam ali na rua dos meus avós. Acabei pegando bastante amizade com algumas pessoas, por ficar tocando violão ali na rua e jogava bola também, andava de bicicleta ali.

Ela morava na rua que os meus avós moravam, então eu comecei a revê-la. Estava mais bonita do que na época que a gente estudou, estava diferente. Eu participava de algumas atividades religiosas na época, tocava em igreja, participava de alguns grupos, tipo encontro de jovens, essas coisas; a irmã dela participava e eu tinha bastante contato com a irmã dela. E aí, por passar a rever, por criar esse interesse de ter contato, de repente vou tentar ficar com a pessoa, pra ver se dá alguma coisa. Falava com a irmã dela: “Convida pra vir, pra ver se ela gosta. A gente, às vezes, sai, vai fazer algumas coisas, pode marcar um cinema, sei lá, ir no McDonald's, alguma coisa.”

Aconteceu da gente marcar de assistir um filme e aí eu falei pra irmã dela: “Chama a sua irmã pra ir também, fala que eu estou convidando.” Eu já a tinha encontrado, a gente já tinha pego ônibus junto, tinha conversado, mas foi uma conversa mais de reencontro: “Faz tempo que a gente não se vê. Como você está, você estudou? Legal.” Aí aquelas perguntas meio pra sondar: “Está namorando?” A gente saiu, ficou, aí começou a namorar.

Foi a primeira vez que eu namorei com alguém. Você descobre o mundo, né? É como se eu tivesse um negócio... Não sei, pra mim foi, pelo menos... Acho essa como uma das melhores experiências que eu tive, que é como se eu tivesse alguma coisa de cristal, superfrágil, na minha mão, que eu não podia deixar ninguém encostar, chegar perto, fazer nada de mal.

Eu descobri que eu era ciumento, que eu era chato. Quando eu estava com ela, não existia amigo. Terminou justamente por isso, porque você sufoca alguém, achando que você está fazendo o certo, porque você não está enxergando, está aqui. Mas foi gostoso, porque foi a primeira experiência, a primeira pessoa com quem eu tive contato.

Acho que quando você está se desenvolvendo, tem aquela curiosidade: como é estar com alguém? Como é sentir o cheiro de alguém? Como é tocar na pessoa que você gosta, como é abraçar, como é beijar? Como é sentir as coisas que a gente sente, a questão do íntimo, mesmo, do interesse, da curiosidade? Foi gostoso.

P/1 – E na adolescência teve outra namorada?

R – Tive. A adolescência vai até qual idade? (risos)

P/1 – Até os dezoito.

R – Não. Eu namorei com ela dos quinze até os dezoito.

P/1 – Ah, eu tinha entendido quinta série.

R – Não. Eu estudei com ela na quinta série.

Esse foi o primeiro contato que eu tive e depois, só lá com quinze anos. Antes disso não tive nenhuma namorada.

P/1 – E nesse período você tem alguma outra história marcante da sua vida pra compartilhar que eu não tenha perguntado, que você lembra e fala: “Nossa, essa eu vou contar pros meus netos”?

R – Um tempo depois que eu terminei - acho que eu já estava aí nos dezoito - conversando com uns amigos, do nada, a gente: “Meu, vamos pra praia?” “De bate e volta?” “Não, vamos passar um final de semana.” “Mas na praia, na casa de quem?” “Vamos dormir na praia, sei lá. Vamos acampar, fazer uma fogueira, alguma coisa.” “Vamos.” Mas eu nunca tinha feito isso, né? A gente só tinha um amigo que tinha parente na praia, então pra onde a gente vai? Pra casa da família dele, do nosso amigo.

Falei pra minha mãe que a gente ia pra Bertiooga. Nós fomos pra Maresias. Pegamos o ônibus às seis e meia da manhã. A gente tinha, cada um, a sua mochila, a roupa do corpo, uma toalha, uma troca de roupa e uma blusa pra poder dormir, se fizesse frio. E a gente levou uns lanches, pacote de bolacha, algumas coisas e foi isso que a gente...

Chegamos lá, ficamos na praia. Demorou acho que umas quatro horas, pelo menos, pra poder chegar, então a gente chegou por volta do meio-dia. Ficamos na praia, comemos, aproveitamos; se tinha umas meninas passando, a gente ia tentar conversar, senão a gente ficava, entrava no mar - dois entravam no mar, dois cuidavam das coisas, ficava nesse revezamento.

Depois começou a esfriar, no pôr do sol. “Vamos achar um lugar pra gente poder se lavar.” A gente achou um cara lavando o carro: “Meu, a gente só veio aqui fazer um bate e volta. A gente pode tomar um banho rápido de mangueira?” Fomos na padaria, compramos uns pães e passamos o dia lá na praia.

A gente se lavou, se secou, aí pensou: “Bom, vamos pra São Sebastião porque no dia seguinte a gente aproveita de lá, ao invés da gente ficar aqui só em Maresias”. Pegamos o ônibus, fomos pra São Sebastião; já era sete, oito horas, só que a gente foi fora de época, então [quando] a gente chegou lá não tinha nada. A gente ouviu o pessoal: “Não, vamos pegar a balsa.” O pessoal ia a pé. “Vamos atravessar pra ir pra Ilhabela, pra ver o que a gente acha.”

A gente [estava] morrendo de fome já, só estava com pão, bolacha, lanche no estômago. Achamos um lugarzinho que estava fechando, um lugarzinho que servia refeição mesmo; chegamos e falamos pra dona do lugar ou a cozinheira que a gente queria comer, nem que fosse o básico: arroz com feijão, um frango, alguma coisa que tivesse.

Acho que foi, naquela época, naquele ano, a melhor refeição que a gente fez porque a gente estava com fome, procurando comida. A gente pagou pra comer, mas é como se a gente tivesse aproveitado tudo que tinha disponível lá pra poder comer. Se a gente quisesse repetir a gente poderia, provavelmente porque a comida seria descartada se a gente não aproveitasse, então a gente bateu aquele prato: arroz com feijão e frango. Feijão na cumbuca. Uma delícia! Lembro até hoje do sabor.

Aí a gente procurou um lugar pra poder fazer uma fogueira e dormir; a gente foi conversando com o pessoal que viu lá, que achava que era a galera que fazia camping e o pessoal foi falando: “Tem uns condomínios que o pessoal acampa ali atrás, que é mais tranquilo, faz uma fogueira.”

A gente achou um lugar que tinha um pessoal com umas fogueiras lá; a gente começou a pegar umas madeiras, onde encontrou. Eu e mais um amigo, o Fábio, fomos no posto. A gente ficou com a garrafa que sobrou do refrigerante, comprou um litro de etanol pra poder acender e acampou. Passamos a noite lá.

No dia seguinte, a gente acabou voltando pra Maresias, pra poder ficar na praia lá, porque Ilhabela não tem onda. [Em] São Sebastião as praias eram distantes de onde a gente estava, de onde ficava o terminal de ônibus, então a gente decidiu voltar pra Maresias. A gente já tinha comprado as passagens pra voltar e esperou só o de Maresias, pra poder pegar o ônibus e voltar pra casa.

Depois de muito tempo, numa conversa com o pessoal em casa, minha mãe foi descobrir que a gente dormiu na praia e estava em Maresias. Pra ela, a gente tinha ido pra casa da tia do amigo meu.

P/1 – Que legal!

R – Essa acho que é a história mais diferente. Outra marcante, marcante...

P/1 – Você chegou a trabalhar, na adolescência?

R – Eu trabalhei com o meu pai na época que eu estava, ainda, na escola; quarta ou quinta série, eu acho. Nessa casa que a gente morava aqui na zona norte, na Vila Zilda, o terreno que ele comprou era grande, então tinha a casa e tinha outro terreno, grande, em que ele montou um salão. Como o bairro também estava crescendo, ele teve a ideia de montar um comércio de ferragens pra construção. Ele mesmo fazia coluna, vigas, essas coisas, pra você poder montar a estrutura.

Ele queria me ensinar que, se eu trabalhasse desde o começo, eu ia ter dinheiro e poderia fazer as minhas coisas desde cedo. Talvez mostrar a importância de você poder trabalhar pra aprender alguma coisa. Então eu comecei a trabalhar, mas era um negócio que não era pra minha idade, na época.

P/1 – O que você fazia?

R – Eu fazia de tudo: cortava ferro, dobrava ferro. Aqueles ferrinhos que montam o ângulo da coluna chamam estrivos. Ficava dobrando os ferrinhos, pra poder fazer aquele estrivo. Cortava os ferrinhos no tamanho certo, pra poder fazer a dobragem. Eu amarrava coluna, sapata, fazia os nós com arame. Pegava dois fios de arame, colocava num ponto distante, colocava numa furadeira e aí trançava o arame pra poder amarrar, fixar o estrivo na barra de ferro e poder fazer a coluna.

Trabalhava com outras pessoas lá também, só que vivia com a mão rasgada. Eu era moleque na época, né? O interesse era brincar na rua, porque eu via os outros brincando na rua. Só que eu chegava da escola, tinha que fazer as minhas atividades e ia trabalhar, só pra depois brincar. Aí tinha isso, não tinha muito lazer, assim.

Não foi durante muito tempo, mas depois, lá com uns dezesseis, dezessete [anos], meu pai começou a trabalhar com assessoria empresarial: cobrança, renegociação de dívida, recuperação desses valores - cheque, principalmente, na época e duplicata. Também trabalhei com ele nessa época, mas aí já era uma coisa um pouco mais formal.

Eu trabalhava durante o dia, estudava à noite, tinha um salário; era uma coisa muito próxima de salário e aí já comecei a ter conta bancária, ter remuneração. Cumpria horário, chegava tal horário, parava pra almoçar, depois voltava, trabalhava até as dezoito horas. Saía mais na rua, ia pros lugares, fazia muito trabalho no centro de São Paulo, que mexia com cartórios de protestos, bancos. Comecei a fazer amizade com as pessoas - aquele negócio de ir várias vezes no mesmo lugar, você acaba pegando contato: “Me ajuda com isso aqui.” Ia muito na Galeria do Rock, deixava o salário lá, provavelmente. (risos) Era isso.

P/1 – Você deixava o seu salário? Isso que eu ia te perguntar: o que você...

R – Eu gastei muito dinheiro com CD, com disco, com camiseta de banda na época. Gastei muito dinheiro. Eu tenho muita coisa. Hoje a gente já não usa mais CD, essas coisas, mas os que eu comprei, que são das bandas que eu gosto, que são aqueles players que eu comprei, eu falo: “Esse aqui eu vou guardar comigo”. Ah, mas é CD, que é diferente de disco, é digitalizado. Tem essas coisas, mas eu vou guardar aqui as minhas pérolas.

P/1 – Eu queria te perguntar mais ou menos como era a rotina do trabalho. Explica aí, pra eu ter uma ideia. Descreve um dia: “Vamos trabalhar”.

R – A gente coletava os documentos. Na sua maioria eram cheques, empresas que vendiam o serviço na troca dos cheques, que seriam ordem de pagamento, mas o cheque voltou sem fundos. Aí a gente abria um cadastro desses devedores com as informações do cheque. A gente precisava contatar essa pessoa, então você precisava ir até o banco, muitas vezes até à agência onde essa pessoa tinha conta, porque os bancos eram muito limitados a só prestar as informações na própria agência de onde você está com o documento. Se a sua conta, por exemplo, é da Henrique Schaumann... Vamos colocar assim: a agência tem conta lá no Banco Santander da Henrique Schaumann; você só vai conseguir captar as informações dessa pessoa lá - endereço, telefone, essas coisas.

Muitas vezes, você tinha que fazer esse trabalho. Você preparava um documento, uma declaração, ia até o banco e coletava essas informações. Às vezes você conseguia na hora, às vezes era no dia seguinte, demorava um tempo, só que você tinha um volume grande porque prestava essa assessoria pra várias outras empresas.

Dependendo do porte da empresa... A gente tinha, por exemplo, rede de ótica que trabalhava lá. Eram sete, oito lojas e óculos você vende o tempo todo, as sete, oito lojas vendem óculos. Às vezes, de um dia só de pagamentos você tinha que receber dez, doze cheques espalhados; aí entra a questão do relacionamento. Eu estou indo aqui, peguei afinidade com esse funcionário, fez o negócio, ajudou. Eu falo: “Tenho mais cheques, só que são de outros lugares, dá pra você me ajudar?” “Dá”. Aí tinha o agrado, o presentinho, pra poder retribuir o favor.

Geralmente era mais esse tipo de trabalho: o de cadastro, montar a ficha ou separar mais ou menos o roteiro, quais bancos eu vou, [em] quais eu consigo as informações num lugar só, quais eu tenho que fazer.

Tinha a questão também dos protestos, que às vezes a gente não conseguia fazer a tratativa, a negociação, então você tinha que levar lá no cartório de protestos. Aí já era uma rotina mais da parte da tarde, pelo funcionamento dessas repartições. Então ia pra banco, era um serviço na rua, mesmo. Almoçava pra, na parte da tarde, estar na rua. Ia andando.

Eu lembro que meu pai tinha um guia velho que, dependendo de onde eu fosse, se eu não conhecesse, a gente consultava pelo guia, uma Bíblia desse tamanho; a linha de ônibus que você pegava, rasgava a página do guia pra poder saber exatamente onde eu tinha que ir. Era bem isso. A grande maioria dos serviços era ali na região central. Era sempre [Rua] XV de Novembro, Praça da Sé...

P/1 – Era uma coisa assim, que você tinha que circular?

R – Sim, circulava bastante. Fazia o mesmo roteiro, só que assim às vezes eu chegava uma hora, uma e meia da tarde lá e ficava andando a tarde inteira. Parava de andar às cinco horas, cinco e meia, que era a hora que as repartições fechavam. Finalizando tudo ou não, não tinha mais o que fazer, vinha embora.

P/1 – E qual era a impressão que você tinha da cidade?

R – Movimentada, suja. (risos) O centro, durante o dia, absurdamente sujo. Muitas pessoas... Já tinha essa questão das barraquinhas, dos ambulantes disputando o espaço. Hoje muito mais, eu acredito; eu já não vou tanto quanto ia antes, mas eu acredito que tenha muito mais, pela questão da situação do momento que a gente vive, mas muita gente, oportunidades, né? Pessoas trabalhando, ganhando o pão de cada dia. Era assim, um mundo novo. Eu gostava de andar, de conhecer, eu ia pra lugares. Sempre ouvia falar: “Florêncio de Abreu”. Estou na [Rua] Florêncio de Abreu, o que tem aqui? Vou olhar. [Rua] Vinte e Cinco de Março, todo mundo fala desse lugar. Você vai lá. Praça João Mendes. Tem o fórum. Você começa a ver as construções, o prédio do Banespa. Eu entrei no prédio do Banespa e paguei cinquenta centavos, na época que eu fazia esses negócios, pra poder subir. Não até o topo, mas eu entrei porque estava lá, no dia a dia. A Galeria do Rock sempre ouvia falar, mas nunca fui na Galeria do Rock. Viaduto Santa Ifigênia. Você vai.

P/1 – Quais eram os lugares que mais te chamavam atenção? Galeria do Rock...

R – Não é que chamavam atenção, mas eu gostava de ir porque era ali que eu conhecia as coisas. Eu estou ouvindo rock, é ali o lugar. Você vai nas lojas, tem lojas que os vendedores são os mais simpáticos, então você fala pro cara: “Meu, eu fiquei sabendo que saiu um álbum novo de tal banda.” Às vezes o cara já ouviu, então ele coloca lá pra você ouvir.

P/1 – Você chegou a mencionar que tocava violão?

R – Eu toco violão.

P/1 – Como você não contou isso! Como foi esse contato...

R – Com o violão?

P/1 – É.

R – Na minha família por parte da minha mãe, os meus avós maternos sempre tiveram muito contato com igreja, com religião. Eles participavam ativamente numa igreja que tem numa comunidadezinha no bairro, próximo [de onde] a gente mora, e o meu avô tocava. Ele fazia parte do grupo que tocava nas missas, pra poder fazer animação dos ritos. Minha mãe ia porque ela gostava de participar, algumas vezes cantava também. Eu sempre gostei de música, mas não sabia tocar nada e um dia meu avô estava lá tocando com um violão diferente do que habitualmente ele tocava. Ele comprou um violão novo por algum motivo, não gostou do violão e [quando] terminou o ensaio ele me deu o violão. Ele falou: “Aprende a tocar”, só que ele não me ensinou, aí o violão ficou um tempo parado.

Aprendi com um amigo meu que também estava tocando - um vizinho, não vou dizer que é amigo porque eu não tenho mais contato hoje, mas era um colega que tocava também na época e ficou sabendo que eu tinha violão. Ele me ensinou, me ajudou e eu aprendi a tocar assim. Toquei durante bastante tempo...

P/1 – Qual é a primeira música que você aprendeu?

R – Vixe Maria, a primeira música deve ter sido Que País é Esse? Não sei se foi a primeira que eu toquei, mas provavelmente foi a primeira que eu consegui tocar inteira, porque são três acordes a música inteira. Então essa, provavelmente, foi a primeira.

P/1 – E quais são as memórias afetivas que você tem com o violão?

R – Ah, eu aprendi a tocar. Era uma coisa que me ajudou a desenvolver bastante, eu acho, na questão de você aprender coisas novas, de você ir... Eu comprei um celular hoje, eu não li o manual. Violão não tem manual, então é como se você fosse mexendo aos poucos e descobrindo o que pode usufruir dele, o que você pode tirar dele. Acho que foi dessa forma.

Tocando na igreja, outras pessoas também tinham interesse em aprender, participar, vinham: “Me ajuda, me ensina”.

Tenho um amigo, o André, que a gente aprendeu a tocar na mesma época, praticamente. Eu já tinha o meu violão, já tocava, mas eu ainda estava em desenvolvimento, porque uma coisa é você tocar músicas de revistinha, que você compra, tem as cifras lá; outra coisa é você ir para um ambiente diferente, porque a revistinha de cifra são as músicas que eu gosto, na igreja não são as músicas que eu gosto. Na igreja são músicas voltadas pros ritos de louvor, de adoração e assim vai. É outro comportamento, outra forma de tocar, mas não deixa de ser um desenvolvimento, ali você também está aprendendo. A gente começou a tocar junto, então a gente ensaiava as músicas da igreja, a gente ensaiava as músicas de rock: “Eu comprei essa revistinha, tem essa música. Vamos tocar. Eu comprei essa revistinha que tem essa daqui, vamos tocar também”. É como se fosse um set list nosso, que a gente meio que montava.

As pessoas vão aparecendo, vão surgindo, também vão desenvolvendo. Eu tinha uma banda. Duro uns dois anos essa banda, mas a gente chegou a escrever algumas músicas. A gente ensaiava na garagem da minha casa.

P/1 – Como era o nome da banda?

R – Vixe, a banda teve muitos nomes! O primeiro nome dela foi Blender, porque a gente também andava de bicicleta, a gente fazia BMX e uma das manobras que a gente fazia era blender, que simula um liquidificador, então a gente colocou esse nome. Depois a gente mudou pra Resina, depois mudou pra Resíduos e o último nome ficou Cédula de Dois Reais.

Depois, todo mundo começou a trabalhar, estudar, namorar e aí a banda já era. Mas é engraçado que todo mundo da banda tocava a mesma coisa, tanto que, na época quando a gente também tocava em igreja, a gente só tinha instrumento de corda.

Antes de montar a banda, a gente foi convidado a participar de um festival entre as igrejas da região, onde o grupo que tocava compunha uma música, letra, melodia e ia passar por uma avaliação, como se fosse um The Voice, só que por uma coisa que você criou. Eles iam dar prêmios, aí a gente: “Legal, vamos participar!”

A gente criou a música, só que na hora de chegar e de começar a ensaiar, pra desenvolver, tem quatro caras tocando a mesma coisa, não dá

pra... Poxa, eu consigo emprestado um baixo, que não é muito diferente. Quem aprendeu tocar violão consegue arranhar pelo menos alguma coisa no contrabaixo.

Éramos eu, o Cebola, o Fábio e o André, os quatro na mesma condição. O Fábio falou: “Não, eu consigo um baixo emprestado pra poder tocar”, então o Fábio ficou com o baixo. Inclusive o Fábio, hoje, toca contrabaixo. O Cebola ficou na guitarra, o André ficou na guitarra, sobrou o Emerson. O Emerson falou: “Não, eu vou tocar bateria”. Só que você tem bateria? Não tem bateria. Vai ter uma bateria pra tocar lá no dia do festival, mas você não tem, como é que você vai ensaiar?”

O primo do Fábio tocava numa igreja evangélica na rua dos meus avós e eles ensaiavam quase todos os dias. A gente foi lá conversar com o primo dele: “Será que a gente consegue, no intervalo do ensaio de vocês, ensaiar a nossa música?” Aí os caras: “Pô, como assim a ‘nossa música’?” “A gente vai participar do festival, a gente escreveu a música.” “Deixa eu ver a letra da música.”

Viram a letra da música. “Mas por que vocês querem ensaiar lá?” “Na verdade, a gente quer ensaiar porque eu preciso aprender a tocar bateria, pra tocar no festival desse dia”, aí eu conheci o baterista que tocava lá. Por coincidência, era uma pessoa que eu já conhecia há bastante tempo pra morar na região, pela questão do meu pai ter o comércio de ferragens e o baterista já ter trabalhado lá, com o meu pai também. Aí legal, só que nessa época eu também já ouvia rock, eu já acompanhava várias coisas, tinha curiosidade e já entendia a funcionalidade dos instrumentos. A gente combinou um dia, fomos lá, assistimos o ensaio deles. Os caras falaram: “Tá, agora é a vez de vocês. Ensiem aí a música de vocês.” Beleza, sentei na bateria, aí o Osvaldo veio e falou: “O que você sabe da bateria?” Eu falei: “Praticamente nada.” Aí ele falou: “Mas você sabe fazer alguma coisa?” Eu falei: “Sim, eu acho que eu sei.”

De tudo que eu já tinha visto, assistido... Você pega aqueles cabides de madeira, que a partezinha aqui debaixo é redondinha, que pendura calça; já tinha arrancado dois e ficava fazendo... Tem o air guitar e você fez o air drum. Ele falou: “Faz o que você sabe fazer. Eu vou ouvir a música e vou ajudar vocês a desenvolver alguma coisa bacana pra tocar no dia. Nada que seja complicado, mas que seja legal.”

Ensiamos duas vezes. O cara voltou pra mim e falou assim: “Eu não tenho nada pra te falar. O que você está fazendo aí é o que eu falaria pra você fazer. E você falou que você não sabia tocar bateria.” Aí, na banda, eu tocava bateria.

P/1 – E como é que desenvolveu a banda?

R – Foi da afinidade, mesmo, dos amigos: “Vamos começar a tocar juntos, fazer cover”.

P/1 – Mas vocês tocaram no festival?

R – A gente tocou no festival. Nesse festival a gente não ficou entre os primeiros colocados, mas foi legal participar, tocar pra uma plateia diferente do ambiente de uma missa, de um rito religioso. Você estava tocando uma música que tinha, sim, uma temática religiosa, você tinha um tema. Eu não lembro qual era e, de verdade, também não lembro mais como era a letra nem a melodia, mas foi diferente. É como se você fizesse realmente uma apresentação.

Um comparativo: aqui nas escolas, por exemplo, ou pelo menos aqui em São Paulo, a gente não tem essa cultura de como a gente vê nos filmes, as escolas americanas que têm os festivais de apresentação. Tipo um show de talentos: vai ter um que alguém vai recitar alguma coisa, um cara vai fazer um show de mágica, vai ter uma banda, vai ter um grupo de dança. A gente não tem isso nas escolas pra você poder desenvolver esse lado artístico, então, pra gente, aquilo ali foi novidade, como se estivesse num show pra gente. Foi bacana.

E daí que veio, já tem o cara que toca... A banda foi composta por mim, Fábio, André, que tocava na igreja - o Cebola não. Entrou o Henrique, um outro amigo nosso, que também tocava instrumento de corda, então eram duas guitarras. As guitarras cantavam também, eram os vocalistas; o baixo ajudava no backing vocal e eu era o batera. Comprei uma bateria usada pra gente poder ensaiar, aí a gente tocava. Nunca tocamos em lugar nenhum, só...

P/1 – Depois do festival, vocês não conseguiram tocar em outro lugar?

R – Não. Nem no religioso, nem no rock mesmo. A gente participou de dois festivais, na verdade, mas o primeiro acho que foi o mais legal, o mais bacana, porque teve esse impacto. E o violãozinho que meu avô comprou e não gostou, eu o tenho até hoje; está meio capenguinha, com uns adesivos pra esconder alguns amassados, uns arranhados, mas está lá, firme e forte. Hoje eu toco bem menos do que eu tocava.

P/1 – Mas a banda, você ficou quanto tempo com ela?

R – Ah, acho que uns dois anos aí, quase três.

P/1 – Mas ela teve algum funeral, algo que fez com que ela acabasse?

R – Ela foi parando. A gente foi começando a namorar e aí os horários pra tocar ficavam limitados ou, às vezes, não aconteciam. O Henrique trabalhava como estoquista e tinha uns horários meio ingratos de trabalho. Era loja de shopping, né? Trabalhava direto. Ele acabou sendo o primeiro a parar de tocar com a gente pela questão do trabalho, porque a gente ensaiava de sábado ou domingo ou os dois, e às vezes ele estava trabalhando de sábado e domingo. Quando ele não estava trabalhando, ele queria descansar, às vezes, e aí a gente... Depois foi o Fábio que começou a trabalhar também e a gente foi parando aos poucos. Começa a trabalhar, a estudar, a namorar, aí você vai sair no final de semana. A banda acabou caindo no esquecimento, ficou em segundo plano e a gente não conseguiu retomar mais depois, porque os interesses mudam, as prioridades também. Tem a questão do barulho também. Naquela época, quando a gente tocava, não tinha nenhum tipo de isolamento, nada, era um barulho infernal. Os vizinhos amavam, mas fazer isso agora, por exemplo, na primeira batida no prato de ataque o vizinho já liga pra polícia ou toca a sua campainha. Tinha-se mais tolerância, naquela época, até porque era uma coisa saudável, era dentro da minha casa mesmo.

P/1 – Quando você foi fazendo dezessete, dezoito anos, você foi fazer vestibular? Você chegou a fazer faculdade ou não?

R – Terminei a escola, continuei trabalhando um tempo e aí eu comecei a procurar um emprego que tivesse carteira registrada, um salário fixo, que eu realmente respeitasse uma jornada de trabalho, sem ter aquele vínculo familiar, mas eu não tinha ideia do que eu queria fazer. Eu lembro que, quando eu estava estudando ainda, trabalhando com meu pai, eu me inscrevi em algum programa desses do governo, da prefeitura, vinculado à escola, que você era chamado pra poder fazer o estágio ou ganhar, conseguir um primeiro emprego. Fiz uma entrevista numa papelaria na região de Santana e passei, consegui tudo e me chamaram pra trabalhar, só que aí eu ia ter que mudar muito minha rotina. Era uma novidade, pra mim, que hoje eu me arrependo muito de ter rejeitado. Eu realmente disse que eu não queria. Eu realmente ia ter um salário de fato, ia ter uma carteira registrada, teria começado mais cedo um trabalho de fato e, sei lá, teria desenvolvido acho que mais responsabilidade e mais conhecimento sobre o mercado. Talvez a minha cabeça, na questão de estudos, que linha de profissão eu posso seguir, o que eu posso fazer.

P/1 – Mas por que você não foi?

R – Por medo, eu acho. Por falta de conhecimento. Zona de conforto. Eu trabalhava com a família, então eu podia... Se eu entrasse oito e meia, eu podia levantar oito horas da manhã, mas se eu tivesse que entrar oito e meia em Santana, eu teria que sair da minha casa às sete e meia. Pra sair de casa às sete e meia, eu precisaria, talvez, levantar às sete, quinze pras sete, pra tomar um banho, um café, me arrumar e já teria que sair direto do trabalho e ir direto pra escola, sem tomar banho, sem comer alguma coisa. Tinha que levar marmitta pra poder comer lá. Eu ia ter mudança de rotina. Hoje isso é uma coisa natural, mas eu não tinha essa mentalidade naquela época e não fui induzido a ter isso porque eu trabalhava com meu pai, que me ajudava, estava me ajudando a me desenvolver; eu tinha contato com computador, com informática, com repartição pública, com funcionário de banco. Eram várias áreas das quais eu já poderia estar me desenvolvendo ali. Acho que por medo, por falta de incentivo, de acompanhamento, de alguém chegar e falar: “Meu, isso é emprego, é salário, é desenvolvimento.” Não questão de dinheiro, mesmo, você vai ganhar bem, não vai ganhar bem, não lembro nem qual era o salário, naquela época.

P/1 – Mas aí você foi fazer o quê?

R – Eu continuei trabalhando com meu pai, até o momento que eu realmente fui procurar alguma coisa diferente, carteira registrada, porque eu trabalhava com ele, mas não recebia... Eu tinha um salário, mas eu não recebia o piso.

P/1 – E foi quando e o que fez você procurar outro emprego?

R – Os serviços que ele fazia começaram a ter bastante redução de coisas. Começou a ter o advento do cartão de crédito. Começou a se modernizar as coisas, né? O cheque é utilizado ainda hoje, mas numa proporção muito menor do que era usado naquela época. O carro-chefe do trabalho que a gente fazia era recuperação desses cheques devolvidos, desses valores que não tinham sido recebidos ainda. A gente trabalhava em 2000... Lembrar de ano agora vai ser... Vamos colocar, vai, em 2007, 2008, mais ou menos assim, com coisa de 1997. A gente trabalhava com coisa de dez anos atrás, tentando recuperar, receber esses valores. Só que você já estava numa época que você já tinha cartão de débito. Se você está com o dinheiro lá, por que você vai passar um cheque? O cartão de crédito também estava começando a crescer. Se você pode comprar uma coisa hoje pra poder pagar daqui a trinta dias, pra que você vai destacar uma folha, se você tem o magnético que vai fazer a mesma coisa pra você? E aí os serviços dele começaram a cair, os clientes começaram a mudar. Era uma coisa muito caseira o nosso trabalho. Éramos eu e meu pai que trabalhávamos com isso. Só que tinham outras empresas tinham uma equipe que entrava em contato, de cobrança, que fazia o levantamento; pagava-se empresas pra poder levantar as informações - números de telefone, endereços, contatos. A gente só pegava aquilo que a gente tinha no banco, era o único recurso que a gente tinha. E não tinha como desenvolver, porque era uma atividade caseira. Era uma coisa que meu pai usava pra poder sobreviver. Foram acabando os serviços, fomos trabalhando menos; você trabalha menos, você recebe menos. Só que você está crescendo, você quer roupas, sair, rolê, CD, bateria, corda pro violão, camiseta de banda, viajar. Você namora, quer dar presente, quer ir ao cinema. Precisa de...

P/1 – Como você resolveu ir pra outro lugar?

R – Eu comprei o jornal Amarelinho, Folha de São Paulo, (risos) Caderno de Empregos. Vai circulando, vai nos lugares, até que eu consegui trabalhar numa farmácia.

P/1 – Como seu pai lidou com isso?

R – Bem, porque as coisas não estavam indo. Ele estava deixando de ser o empreendedor que tinha empresa e trabalhava por conta própria pra poder fazer parceria, pra trabalhar com outras pessoas. Ou para outras pessoas.

P/1 – Como é que foi? Conta um pouquinho mais. Você achou no jornal?

R – Tinha um amigo meu que já trabalhava nessa rede de farmácias que eu fui trabalhar e eu vi o anúncio lá, pra poder entregar o currículo, fazer a ficha de cadastro. Fui até o local, fiz a ficha e depois de um tempo eles chamaram pra fazer uma primeira etapa de dinâmica e entrevista, depois a segunda. Eu passei e comecei a trabalhar.

Foi um negócio rápido e simples, não tinha muita dificuldade, até porque era um trabalho bastante operacional. Pra você poder ficar, mesmo... Receber a pessoa que entra na farmácia e perguntar se você pode ajudar com produto de beleza, xampu, protetor, o que quer que fosse. É um auxiliar de farmácia. “Onde está uma gaze?” “Está aqui.” E aí a venda casada, né: “Ah, não está precisando também de esparadrapo? Não está precisando de micropore? Não está precisando de alguma coisa pra poder fazer... O antisséptico, pra você fazer a limpeza? Um Band-Aid? Um xampu, um condicionador também. Aproveita, está na promoção.”

Eu percebi que o comercial não era comigo. Eu fazia essas coisas, mas era mais obrigado do que espontâneo.

Depois dessa primeira farmácia - foi na Drogasil que eu trabalhei - eu trabalhei na Drogaria Onofre. Trabalhei meio que voltado pra parte

logística, fazia... Eles tinham um.. Eles têm até hoje, que é o Onofre Em Casa, delivery de entregas. Trabalhei nesse delivery, fazendo a separação dos medicamentos. A gente pegava os pedidos e ia nas prateleiras, pegando tudo que estava na descrição dos pedidos, pra poder montar a embalagem da entrega.

Depois de um tempo trabalhando lá, comecei a trabalhar na expedição de encomendas, que eles mandavam pra outras cidades, via Sedex, caixinha, aí comecei a ter bastante contato com o pessoal da área financeira, porque tinha muitos itens que, às vezes, estavam faltando ou precisavam cancelar compra ou devolver ou reenviar um item que chegou com problema, muito amassado, danificado. Comecei a ter contato com esse pessoal e o pessoal: “Faz um curso aqui, na faculdade, Gestão Financeira.” Falei: “Vou fazer.” E aí foi a época que eu comecei a estudar. Comecei em 2008 que, se eu não me engano, eu devia ter... Eu estou ruim de conta...

P/1 – Você começou a estudar o quê?

R – Gestão Financeira.

P/1 – A galera falando... O que te motivou?

R – O contato que eu tinha com o pessoal da área financeira. O trabalho que eu fazia não tinha nada a ver com o financeiro, mas o que as pessoas falavam da área. “Você trabalha com isso, tem a parte dos recebíveis, tem a parte que você faz a programação de pagamentos; tem a parte do pessoal aqui que analisa o orçamento, verifica o que a gente tem pra poder pagar, quanto pode pagar, quanto pode direcionar pra um projeto, um investimento, alguma coisa...”

Mas eu acho que era mais o ambiente, porque se alguém falasse pra mim alguma coisa voltada a planejamento... Por exemplo: “Aqui você vai fazer funções de Tesouraria, Contas a Pagar...” Eu acho que era o ambiente que era divertido, descontraído, as pessoas se vestiam diferente. Você percebia que elas tinham um relógio mais bonito, um tênis mais bonito. Elas comentavam coisas diferentes: “Eu viajei, fui pra tal lugar, fiz isso.” Pô, eu sou o cara que estou recebendo salário menor e eu não faço tudo isso, não tenho as coisas legais que eu gostaria de ter, então, espera aí, eu vou fazer uma faculdade pra dar uma melhorada, pra tentar subir de degrau, melhorar o salário, conseguir uma coisa diferenciada. E aí eu comecei a estudar.

Eu fui mandado embora dessa Onofre já no último semestre que eu estava fazendo e uns cinco meses depois que eu fui mandado embora, eu consegui entrar no banco. Trabalhei no Bradesco.

P/1 – E aí, como foi a experiência?

R – Aí foi revolucionário.

P/1 – Revolucionário?

R - O salário era outro, os benefícios eram outros. Eu comecei trabalhando num departamento. Eu trabalhava no Fone Fácil, então eu trabalhava seis horas...

P/1 – O que é Fone Fácil?

R – Fone Fácil é uma central de atendimento. É um telemarketing, só que não é um telemarketing. É uma central de relacionamento. Você faz transações, executa transações, só que você também presta atendimento. O mesmo atendimento que você poderia ter na agência, pra tirar algum tipo de dúvida sobre serviços e produtos que o banco te oferece, você pode tirar por telefone. Você liga: “Eu quero saber o limite do meu cartão”, eu te informo o limite do seu cartão. “O extrato, o que debitou tal dia?” “O que é essa conta?” “Eu tenho um cartão de débito e eu preciso fazer uma compra de tal valor, vai aprovar? Mas eu não tenho esse saldo. Vai passar o cartão?” “Como eu faço pra pedir talão de cheque?” “Como eu altero o endereço?” “Como eu contrato um produto ou um serviço?” “Como eu reclamo de uma tarifa bancária, alguma coisa?” Era mais isso.

Foram dois meses que eu fui admitido, até começar efetivamente a trabalhar, só de treinamento. E esse período foi o melhor, porque nesse período eu conheci uma gama de pessoas bem diferentes das outras experiências que eu tive. Gente de tudo quanto era lugar, gente de outros estados, até, que vieram aqui pra poder tentar alguma coisa e conseguiram. E era como se fosse uma faculdade, porque você chegava, tinha o treinamento como se fosse uma aula, parava, tinha um lanche, um intervalo, depois voltava, continuava, parava, tinha almoço.

P/1 – Mas você não trabalhava?

R – Eu recebia um salário, mas eu estava só fazendo um treinamento.

P/1 – Só o treinamento?

P/1 – Só o treinamento. Dois meses fazendo treinamento, recebendo salário, todos os benefícios que um funcionário que já está trabalhando, já está lá fazendo atendimento, estava também recebendo. Era toda uma preparação. Era como se você entendesse todo o portfólio que o banco oferece pro cliente, pra depois você ir trabalhar. E dúvidas surgiam, porque a gama de coisas é muito grande. A gama de dúvidas dos clientes também é muito grande.

Eu trabalhei um ano e nove meses nesse departamento, nesse Fone Fácil. Eu atendia o varejo, que são os clientes comuns, que não têm aquela renda extraordinária. Trabalhei numa outra central que chamava Carteira D, que eram os clientes que tinham as maquininhas de recebíveis, então o cara precisava antecipar débito ou crédito, você fazia essas operações. Trabalhei por último no Prime, que aí já é o [segmento de] alta renda. Aí fiz outros treinamentos também, porque o atendimento é diferenciado, alguns produtos e serviços são diferenciados, é mais voltado pra investimentos. O cliente Prime tem um perfil de investidor, então você aprende um pouco mais sobre produtos de investimentos, renda fixa, a

diferença que essas coisas têm da poupança, por exemplo. Precisei tirar umas certificações pra poder passar a trabalhar com isso, porque a gente também comercializava, ofertava essas coisas.

Depois fui pra agência. Aí é como se eu tivesse saído do Bradesco pra entrar numa outra empresa chamada Bradesco, que é uma realidade totalmente diferente.

P/1 – Qual era a mudança?

R – Tudo que você tinha de acompanhamento, de ajuda, desse lado, Fone Fácil, departamento, aqui era na raça, na curiosidade, no dia a dia o aprendizado. É como você levar seu carro no borracheiro e ele faz todo o serviço: desparafusar, tirar câmara, remendar, colocar de novo. E aqui é você no meio da estrada, chovendo, sozinho.

P/1 – E aí, como é que foi, debaixo da chuva, trocar esse pneu?

R – No começo, você também está conhecendo. No começo você está aprendendo, [se] desenvolvendo aos olhos das pessoas, crescendo, obtendo mais conhecimento. Cheguei lá, fiquei no balcão de serviços, no Posso Ajudar? Daqui a pouco você está na caixa, aí vem uma promoção; daqui a pouco você está aprendendo outros serviços, outras rotinas. Daqui a pouco outros caixas que estavam aqui, que eram as referências, os melhores, saem, obviamente, pra outras funções e você fica, então você passa a ser referência. Todo mundo te pergunta as coisas, você vai entendendo como funciona o processo que você está desenvolvendo.

Só que chegou num ponto que parou. Eu estava me desenvolvendo. Eu nem era caixa mais, já fazia outros serviços de funcionário de oito horas, só que eu tinha que trabalhar seis horas. Eu tinha que fazer o trabalho de alguém que normalmente fazia isso em oito horas em seis, e eu não recebia o mesmo salário dessa pessoa, eu não tinha o mesmo conhecimento dessa pessoa porque, pra ter o conhecimento, eu precisaria de alguém que me auxiliasse, me ensinasse. As gestões dentro da agência foram mudando, saíam uma hora um administrativo e entrava outro e a visão era totalmente diferente. Saía um gerente geral, entrava outro, a visão era totalmente diferente. Eram ciclos novos que iam se iniciando e o processo: “Sua promoção está vindo. Espera aí que daqui a pouco você vai estar, de fato, na função.” Não acontecia, mas os problemas sempre aconteciam. E era desgaste, era estresse, chateação, era a ‘rádio peão’ falando: “Fulano está falando de você. Fulano conseguiu isso.”

O lado negro da força começou a fazer, acho, que um papel melhor aqui na cabeça, no sentido de [pensar:] “Não estou curtindo mais, não estou gostando, Estou desanimando, mesmo.” Estava afetando o meu relacionamento em casa, o meu desenvolvimento em outras coisas. Eu não tinha interesse de sair pra estudar, procurar outras coisas novas, porque eu estava sendo consumido por uma ansiedade de tentar mais coisas, porque eu vinha nesse ritmo de crescimento e estagnei num ambiente que estava pesado, por conta dessas várias trocas e do favorecimento de pessoas que estavam sendo favorecidas, porque elas estavam fazendo o papel delas, mas no meu ponto de vista elas estavam puxando o saco. Elas estavam se fazendo, ao invés de fazer por merecer.

Talvez. Talvez elas realmente estivessem fazendo, tanto que muitos ainda estão lá. Quem não está sou eu, porque talvez eu tivesse que me fazer e não quis. Porque eu não achava correto, certo, na época. Ou talvez porque realmente não era...

P/1 – Mas aí você foi fazer o quê?

R – Aí começou a cair o rendimento. Como toda pessoa desanimada, cai o rendimento, a qualidade do trabalho começou a diminuir, eu comecei a dar umas mancadas. Eu pedi... A gente conseguiu numa convenção coletiva ter direito a uma folga por ano. Eu pedi a folga que era próxima de um feriado prolongado, pra poder viajar. E deram essa folga pra uma outra pessoa. Só que a pessoa pediu a folga ontem e conseguiu hoje, eu pedi a folga há duas semanas e não me deram.

Inventei que tinha passado mal. Consegui um atestado, viajei. Depois disso, o pessoal começou a me olhar diferente e fui transferido pra outra agência, com promessa de que nessa outra agência eu conseguiria minha promoção. Quando eu cheguei lá descobri que o cara que estava no cargo que era o que eu queria assumir, que era de tesoureiro de agência, fazia uma semana que tinha sido promovido, então não ia ter oportunidade pra mim ali. Ali era ou um degrau pra eu ser mandado embora, pra baixar, ou um degrau pra eu ir pra outro lugar que precisasse. A agência tinha um perfil de cliente... Era uma agência totalmente diferente: era bem menor, pouquíssimos clientes, uma agência com clientes até bons, só que o perfil desses clientes eram aqueles caras que ‘porque eu tenho a conta, eu tenho dinheiro, você tem que atender a minha necessidade’ e eu não fui criado assim. Arrumei uma discussão feia com um cliente que jogou umas contas pra pagar lá, por coisa besta: chamou o número dele no painel porque alguém apertou o botão errado e eu fui atender outra pessoa que estava na vez dela. Ele fez um escarcéu e eu falei: “Tudo bem. Quando eu terminar, eu atendo.” Até atendi. O cara pegou e simplesmente... Eu vou jogar, mas eu vou pegar: “Eu tenho isso pra poder pagar.” Eu fui criado no rigor, em métodos e sistemas. Não se faz isso.

P/1 – Mas quem falou isso?

R – O cliente falou.

P/1 – E o que você falou pra ele?

R – Peguei todas as coisas, devolvi e falei assim: “Eu vou te atender, desde que você tenha educação e me entregue as coisas pra que eu faça o serviço. Você joga pra qualquer pessoa da sua família, que esse deve ser o tipo de tratamento, de educação e cultura que deve ter dentro da sua casa. Eu não aprendi isso na minha, então aqui a gente vai se tratar com respeito. Eu estou trabalhando. Eu presto um serviço pra você, mas eu sou funcionário do banco, eu não sou seu funcionário.”

P/1 – E aí?

R – Aí ele foi discutir com a gerência. A gerência levou isso a sério e me mandou embora.

P/1 – Nossa! Você foi mandado embora?

R – Aí eu fui mandado embora.

P/1 – E como é que você lidou com isso?

R – Eu já estava querendo sair, já estava desanimado, cansado. Pra mim foi um alívio no momento, porque eu não ia ter que passar por aquela situação de novo, de saber se eu ia ou não ter promoção, se eu ia ou não ter oportunidade e qual cliente que viria no dia seguinte pra eu atender.

P/1 – E aí você foi fazer o que da vida?

R – Eu fui mandado embora em fevereiro de 2016. De fevereiro de 2016 até fevereiro de 2017 eu comecei a estudar pra concurso público; me matriculei em alguns cursos, fui fazendo algumas provas, mas não consegui passar em nenhum.

Nessa época de fevereiro de 2016 eu namorava, não com a minha noiva hoje, outra pessoa. Por conta de todo o estresse que eu já estava passando em relação à questão do trabalho, o relacionamento estava um pouco batido, caído. No final de 2016, ela queria porque queria viajar, pra gente fazer alguma coisa diferente; e eu ia ter uma prova importante, de um concurso grande, pra fazer em fevereiro de 2017. Eu ainda estava fazendo as aulas e não queria parar de estudar, porque eu estava num ciclo que, pra mim, estava sendo suficiente, estava rendendo.

“Vamos viajar, a gente vai se divertir, vai descansar um pouco”. Eu falei: “Não. Vamos deixar pra viajar depois que fizer a prova, em fevereiro. Aí a gente viaja, tem o carnaval...”

Eu não estava trabalhando na época. O tempo que eu trabalhei em banco, [com a] rescisão, fundo de garantia, essas coisas, me deram essa oportunidade, de ficar nesse período sabático. Fica aquela discussão de vamos, não vamos; criou-se discussões e brigas por motivos ridículos e o relacionamento terminou.

Continuei tocando meus estudos; em fevereiro, eu fiz as provas e não cheguei nem perto, porque o foco mudou também. Tem a chateação do término do relacionamento, tem as brigas, tem a discussão, tem o que a pessoa fez, pelo fato de não estar com você e: “Poxa, não respeitou meu momento”, essas coisas. Aí eu pensei comigo, falei: “Bom...”

P/1 – Mas vocês acabaram amigos?

R – Não. A gente não se fala mais hoje.

Eu tinha na minha cabeça que eu faria uma viagem depois que eu fizesse a prova, então falei: “Eu vou fazer uma viagem, agora que eu fiz a prova”. E aí pesquisa daqui, pesquisa dali, o que eu faço, o que eu não faço, fiz um intercâmbio. Um mini-intercâmbio. Fiquei um mês e meio fora, fui pra Nova Zelândia, estudei inglês; fiz a viagem que eu queria, conheci o país, que é espetacular...

P/1 – Espetacular como? Conta aí.

R – De cultura, de beleza. Cara, eu viveria fácil naquele lugar, ganhando o mínimo possível. Viveria fácil. Você anda na rua, pode andar com os seus pertences na mão; você não tem aquele perigo das pessoas estarem olhando pra pegar as suas coisas, questão de roubo. Você pode almoçar na rua, não tem aquele negócio de ficar te olhando feio, vão te achar feio. Não é o costume, tem lugar específico pra você poder fazer isso.

Tem receptividade. Você pede informação, ajuda, as pessoas ajudam. Você entra no ônibus, o motorista te cumprimenta. Você desce do ônibus, você cumprimenta o motorista. Você é brasileiro? “Legal. Seja bem-vindo. Como eu posso te ajudar?” Só que tem gente de tudo quanto é lugar do mundo ali. Tem americano, tem francês, tem tailandês, tem chinês, tem japonês, tem tudo quanto é tipo de gente lá. Fora a praia, a montanha, vulcão inativo, ativo também, que você vai, visita.

P/1 – Você já tinha juntado uma grana, nesse tempo?

R – Tinha. Na verdade, eu tinha o que eu recebi do banco. Eu não tinha gasto nada, não tinha feito nada, não tinha comprado roupa pra mim. Nesse período que eu fiquei estudando, que o relacionamento também caiu... Deixa eu voltar um pouquinho, né? Quando eu já trabalhava no banco, eu me relacionei com uma pessoa que, quando eu a conheci, ela não estava trabalhando. Ela estava numa situação bastante complicada. Ela tinha terminado um noivado, estava morando num apartamento onde ela estava junto com a pessoa, só que a pessoa saiu e a deixou lá e ela não tinha interesse em voltar a morar com os pais. Ela queria ficar morando onde estava porque o bairro era legal, o apartamento era legal, a vida ali era legal, só que ela não estava trabalhando, ela não tinha condições de manter. Ela precisou descer um degrau e voltar a morar com os pais também. E isso se estendeu durante dois anos e oito meses. Ela ficou dois anos e oito meses sem trabalhar.

Quando a gente viajava, quando a gente saía, quando a gente fazia alguma coisa diferente, muito saía do meu bolso, porque as reservas dela já tinham se esgotado, porque ela não tinha conseguido ganhar um dinheiro com as coisas que ela fazia. Aconteceu que eu também saí do banco em fevereiro; a última vez que a gente tinha feito alguma coisa diferente tinha sido no final do ano, na virada. De fevereiro até outubro não se fez nada. Não saía muito, não ia pra outros lugares, não viajava, porque eu estava num ritmo de estudo forte e constante e estava fazendo sentido, porque eu queria alguma coisa e, ao mesmo tempo, eu também não estava trabalhando, não podia ir zerando as minhas economias. Eu tinha que puxar o freio de mão, pra conseguir me manter, pra quando voltasse a procurar um emprego, se tivesse que fazer algum tipo de gasto ou uma emergência - ficou doente, ter que comprar roupa, fazer alguma coisa desse tipo - eu ia ter a minha reserva pra poder usar. Não dá pra esgotar assim. Pelo menos pensei assim, na época.

Perdi o foco. O assunto era?

P/1 – Você estava contando agora do seu relacionamento, como iniciou.

R – Da questão do porquê da viagem, né?

Quando terminou o relacionamento, foi que ela começou a trabalhar. Pra ela estava entrando dinheiro, então ‘eu tenho condições de viajar agora’. Só que estava num momento que, pra mim, não dava e aí, é óbvio, vamos fazer a viagem? Vamos fazer a viagem. Vai consumir um dinheiro, ok. Já está sendo estruturado aqui que vai se consumir, mas assim: a gente faz num momento que é oportuno, algo que seja dentro das condições que se possa fazer. Mas [ela] não teve essa paciência.

P/1 – Você a amava?

R – Sim

P/1 – Era apaixonado?

R – Sim, entrei no relacionamento por conta disso. E aí a questão de fazer a viagem e de ter juntado o dinheiro, na verdade, veio por conta disso. Saí do banco e o dinheiro ficou lá, parado. Eu não fiz nenhum gasto. Eu não tinha dívidas e não fiz nenhuma aquisição nova; eu não comprei roupas, eu vou renovar o guarda-roupa agora que eu fui mandado embora? Não. Eu fui conservador. Eu simplesmente puxei o freio de mão, só investi em cursos, em alguma coisa ali e saía uma vez ou outra, comprava algumas coisas pra poder fazer um lanche, uma janta diferente quando a gente estava junto, mas só isso. Mas o dinheiro da viagem era dinheiro que eu já tinha, que estava lá guardado, que eu sabia que eu podia usar. Tanto que depois que eu voltei, o dinheiro já estava curto, porque [quando] você viaja pra outro país a moeda é outra, as passagens são caras; o curso é caro, morar na casa de outras pessoas é caro, o custo de vida na Nova Zelândia é caro, então consumiu bastante do que eu tinha guardado. Mas não me arrependo.

Tenho um arrependimento: não ter ficado mais tempo. Ou...

P/1 – Por que você não ficou mais tempo?

R – Porque foi feito às pressas. Eu queria fazer alguma coisa pra esquecer o término, pra poder abrir um pouco a mente, fazer alguma coisa diferente, pra experimentar coisas que eu sempre tive vontade de fazer, mas nunca fiz.

Quando você está trabalhando, quando você vai parar pra fazer um intercâmbio? A empresa que eu estava não dava oportunidade pra isso. Ou era naquele momento ou não ia ser nunca mais, provavelmente.

Tem uma outra questão, provavelmente a gente vai voltar nela: o meu irmão desenvolveu câncer de linfoma, no sistema linfático. Nesse período que eu viajei, o tratamento dele estava finalizando, mas não estava ainda 100% terminado, então eu fiquei com receio de ficar muito tempo fora e precisar voltar às pressas e não ter como.

P/1 – Mas você quer contar isso do seu irmão? Como foi que vocês descobriram?

R – A gente descobriu de uma hora pra outra. Ele estava ali na faixa dos treze, quatorze anos. Ele tinha mudado bastante. Cresceu muito rápido, emagreceu muito rápido e começou a ter muitos problemas de saúde: suor noturno, dores nas juntas, passava muito mal, tinha a imunidade muito baixa; [a gente] sempre indo ao médico com ele e nunca se descobria, de fato, o que era. Sempre eram suspeitas, fazia o tratamento pra alguma coisa ali que parecia que era, mas não, até que uma equipe médica fez uns exames mais detalhados e descobriram o que era. Aí se iniciou o processo de tratamento: quimioterapia, radioterapia.

Ele fez um autotransplante. Ele já tinha, antes do tratamento, coletado células-tronco dele mesmo, porque ninguém da família, da gente, meus pais, eram compatíveis e eles transplantaram as próprias células dele mesmo.

Foi um tratamento que durou uns três anos. Na verdade, ele ainda faz acompanhamento médico, mas hoje muito mais espaçado, mais tranquilo, do que...

P/1 – Você teve uma ligação maior com ele, nesse período?

R – Sim. A gente precisava ficar no hospital, né? Porque, quando ele tomava quimioterapia, ele precisava ficar vários dias lá. Você precisava, às vezes, passar uma semana inteira no hospital, porque ele só ia sair de lá se apresentasse uma evolução, se ele estivesse bem, então a gente revezava à noite no hospital. A gente ficava lá direto.

Ele fez quimioterapia, os pelos todos caíram. Eu cortei o meu cabelo em sinal de incentivo: “Tamo junto, vai lá, não entrega os pontos.”

Não foi uma coisa que ele chegou a ficar à beira, entre a vida e a morte, mas meu, [com] quatorze anos você tem uma vida inteira pra desbravar e alguém vem e fala pra você que você está com câncer. [Com] quatorze anos, pra ele, você já tem acesso a muita informação. Se tivessem dito pra mim, com quatorze anos, que eu tinha câncer, eu ia pensar assim: “Ok, vou fazer o tratamento, igual eu fiz pro da bronquite, por exemplo”, mas você tem inúmeras informações, então ele ficou bastante chateado.

A gente ficou junto, mas graças a Deus ele está bem, já está com cabelo de novo. Chato pra caramba, mas é família, né? Irmão.

P/1 - Irmão de sangue.

Quando você voltou da Nova Zelândia, você foi...

R – Conheci minha noiva. Conheci não, eu já conhecia a minha noiva. Quando eu estava viajando a gente conversava um pouco, mas quando eu voltei a gente começou a sair e eu comecei a voltar pro mercado. E aí hoje estou na Vedacit.

P/1 – Mas foi de cara que você foi pra Vedacit?

R – Não. Eu voltei em junho de 2017, no final de maio, e fui admitido em agosto de 2018.

P/1 – Na Vedacit?

R – Na Vedacit. Nesse período eu fiquei fazendo cursos, procurando emprego. Fazia um bico aqui, um bico ali, ajudava um amigo, alguma coisa.

P/1 – E como foi a entrada na Vedacit?

R – Foi num momento que eu precisava. Eu já estava bastante desanimado de não ter conseguido nada nesse período todo; juntou a volta da Nova Zelândia, que foi uma viagem espetacular, que eu poderia ter ficado mais tempo, porque por aqui as coisas estavam indo tudo bem, então eu poderia, ter arrumado um jeito de ter continuado mais tempo lá, ter feito mais coisas.

Eu tinha já me formado, mas não conseguia nada na minha área, talvez pela época que eu já tinha me formado e não tinha nenhum outro tipo de curso. Não tinha uma pós, não tinha nada relacionado a essa área financeira em que eu tinha me formado, então eu precisei correr atrás de fazer os cursos, mas mesmo fazendo isso demorou pra ter retorno. A grana estava acabando, eu já estava cansado de ficar em casa e não ver o retorno e aí: “Você passou, foi selecionado. Você vai trabalhar com a gente.”

Veio num momento que eu precisava da motivação, do gás, do emprego, da grana, pra poder voltar a estruturar financeiramente e, sei lá, começar a ter perspectiva pra novos objetivos, porque quando você não tem trabalho, não tem dinheiro, não tem nada, você acaba ficando sem perspectiva. Você fala: “Que objetivo de vida eu vou ter?” O objetivo é arrumar emprego.

P/1 – E você foi tramar com quê?

R – Fui trabalhar como assistente administrativo, mas na área financeira, no Contas a Pagar. E aí..

P/1 - E aí, o que aconteceu de importante pra você dentro da Vedacit?

R – Eu acho que oportunidade. Desde o dia dezenove de agosto de 2018 até hoje, só vieram oportunidades. Eu entrei e foi uma área e uma empresa em que as pessoas acolheram a minha deficiência de conhecimento, o fato de eu ter ficado afastado mais de dois anos do mercado de trabalho, estar atuando numa área totalmente diferente, porque eu era tesoureiro de agência bancária e fui trabalhar com Contas a Pagar. “Ah, mas já foi caixa, já pagou conta.” Ok, mas é diferente você trabalhar numa empresa pagando contas e estar num caixa digitando um código de barras ou passando boleto. É um negócio diferente.

A empresa acolheu, treinou, motivou. As pessoas da área deram esse suporte, esse conhecimento, pra eu ir me desenvolvendo, aprendendo sobre a rotina. Isso fez toda a diferença. Até chegar ao ponto de você caminhar sozinho, trabalhar sozinho, trazer ideias, mostrar o seu trabalho, sem que outras pessoas cheguem e falem: “Isso aqui quem fez foi o Emerson. Entrou aqui faz tanto tempo, aprendeu a fazer isso aqui.” É o seu chefe, o seu gestor ou alguém que trabalha junto com você olhar e falar: “Caraca, você está fazendo um trampo da hora, bacana.”

P/1 – E você já tinha casa própria nesse período?

R – Já.

P/1 – Como foi que rolou a reforma?

R – Na verdade, a casa própria... Eu moro com a minha mãe e meu irmão ainda. É a mesma casa que minha mãe comprou do processo do divórcio, que ela recebeu a parte dela. Ela comprou a casa, a gente fez melhorias durante essa evolução da separação até chegar ao ponto de hoje. A gente aumentou um pavimento, porque a casa tinha garagem e um primeiro pavimento, a gente sobrevivia ali. E aí levantou-se outro pavimento, pra poder ter os quartos separados.

Sempre foi isso, nunca morei sozinho. Esse é um objetivo que eu tenho hoje. Não digo morar sozinho, porque hoje eu estou num relacionamento, então eu penso em ir morar com a pessoa com quem eu estou, mas é realmente sair de casa, ter também a minha independência.

P/1 – A gente vai chegar aí, mas ia te perguntar: você participou do projeto Ano Novo, Casa Nova, né?

R – Participei.

P/1 – Como foi que você ficou sabendo do projeto?

R – Eles têm o hábito de comunicar todos os tipos de atividades por e-mail. Eles comunicaram esse projeto. Não tinha saído com esse nome exatamente, ou eu não me lembro, mas eu realmente não dei muita importância.

A minha gestora, na época, comentou sobre esse projeto - comentou não, ela fez uma pergunta e depois explicou. Ela perguntou se eu conhecia alguém que tinha problema de infiltração ou falta de permeabilização da casa. A minha casa, quando eu fui morar, quando a minha mãe comprou e estava apta pra gente morar, como eu disse, era só garagem e o primeiro pavimento. É casa de laje. E ainda hoje é, mesmo com o novo pavimento, mas sem nenhum tipo de estrutura ou construção pra poder impermeabilizar água de chuva, infiltração.

Quando se construiu a parte de cima, a gente construiu às pressas, com o dinheiro que tinha, com o pedreiro que podia ir lá fazer o serviço e não com pessoas que realmente tinham o conhecimento de fazer o que precisava pra construção ficar livre desses problemas. Com o passar do tempo vai tomando chuva, sol; começou a manchar parede, goteira, infiltração e assim foi.

Quando ela me fez essa pergunta, do você conhece, a minha resposta foi: “Eu”, porque a minha casa era assim. Eu respondi e ela disse: “A Vedacit está preparando um programa, pra poder fazer um trabalho voltado à casa das pessoas.” No meu pensamento, seria um trabalho onde a empresa vai indicar quais tipos de produto dela - porque ela trabalha com isso - eu posso utilizar e talvez vá oferecer uma consultoria, alguém pra poder dizer qual tipo de trabalho você tem que fazer aqui, qual profissional você pode procurar, mas não uma coisa da forma que foi feita. Eu não imaginava que seria feito desse jeito. Até que vieram as divulgações e as pessoas envolvidas no projeto, conversando com a gente e explicando o

que iria acontecer.

A gente fotografou os cômodos, eles avaliaram. A minha casa, os cômodos que eu enviei foram selecionados; eu cheguei na etapa final, eram quatro funcionários. “Vocês estão concorrendo a uma reforma do cômodo de vocês” - só que, por incrível que pareça, na minha casa não foi a reforma de um cômodo. É como se tivesse sido feita a reforma da minha casa.

P/1 – Nossa! Você consegue falar como era a casa antes e depois?

R – A casa não tinha acabamento externo. Tinha da parte... Eu vou dizer térreo, mas porque era a construção que já tinha quando nós fomos morar lá. Quando a gente levantou o pavimento, a parte externa, as paredes não tinham reboco, era tijolo. A laje era chão batido. Você só bateu a laje ali e não tinha um contrapiso, queda de água, escoamento, cano. Não tinha essas coisas.

A parte de dentro, ok. Rebocada, pintada. Parede ok, porta ok, mas a parte de fora era totalmente exposta. Choveu, pra onde a água da chuva vai correr? Vai evaporar ou ela vai infiltrar na laje, porque não foi feito dessa forma.

Com o passar do tempo, a gente não deu importância pra isso, em fazer um contrapiso, colocar um telhado, impermeabilizar, fazer algo que tire esses problemas, porque quando terminou a construção, estava tudo ok. Quando deu o primeiro problema de infiltração, manchou a parede aqui, mas quando bater um sol, vai secar. Secou, só que chove de novo. E foi chovendo. Conforme foi chovendo, foi manchando mais, foi criando rachaduras, porque a construção não foi feita também com o acompanhamento de um engenheiro, um mestre de obras, alguém que pudesse dizer: “A estrutura pode ficar comprometida em alguns pontos.” Essas coisas todas foram acontecendo.

Veio a reforma, a reforma colocou na laje um contrapiso com escoamento. Se chover em tal parte da laje, a água vai toda pra frente da casa. Da metade da laje a água vai voltar toda pra cá, só que tem um cano coletando aqui. A gente vai colocar produtos pra poder impermeabilizar, então, na verdade, quando a chuva bater, a chuva não vai bater no contrapiso; a chuva vai bater numa manta, que vai impermeabilizar sua laje. Ela vai bater aqui e vai escoar pra lá, não vai mais pegar no cimento. Coisas que, se eu não entrasse na Vedacit, não tivesse contato com isso, ia demorar muito pra passar pela minha cabeça que teriam condições de acontecer.

P/1 – Você estava contando o que a reforma impactou na mudança da sua casa.

R – Sim. Veio a questão de colocar os produtos de impermeabilização, de preparar toda a base pra poder aplicar os produtos de impermeabilização, pra que os problemas que aconteciam antes não acontecessem mais. Foi bem diferente do que eu imaginava que seria o programa.

P/1 – Como você imaginava?

R – Imaginei que seria uma consultoria. Algo que dissesse: “Esses problemas podem ser resolvidos com esses produtos, utilizando dessa forma, fazendo uma reforma ou um preparo, por exemplo, do ambiente da laje dessa forma”, como se fosse um tutorial. Quando vieram as informações, que disseram pra gente como isso ia funcionar, aí já trouxe uma motivação totalmente diferente. Porque hoje enxergar o que foi feito, do tamanho que foi feito, a quantidade de produtos que foram utilizados, na velocidade que foi feito, demoraria muito tempo pra eu, a minha mãe, conseguirmos fazer isso. Se a gente tirasse isso do próprio bolso, por exemplo, a gente não conseguiria fazer de uma vez só e eu acredito que se, essa oportunidade não tivesse acontecido, a gente continuaria levando até hoje do jeito que estava.

P/1 – Como?

R – Estava exposto. A gente tinha os problemas de impermeabilização. Quando chovia forte, a gente sabia que, em determinados pontos, a gente ia precisar colocar um pano ali pra poder conter uma goteira, um balde, alguma coisa. A gente sabia que as paredes iam ficar manchadas, que a casa ia ficar com aquele aspecto úmido por dentro. Essa certeza a gente tinha. Começou a chover; época de inverno ok, é frio, mas pelo menos chove muito menos, mas [em] época de verão, por exemplo, que você tem as pancadas de chuva, as tempestades, dias que chovem o dia inteiro ou dois, três dias, às vezes, constante, a gente sabia que ia ficar desse jeito: a casa ia ficar úmida por dentro. É como a roupa que você põe pra lavar e ficou ali na máquina. Você nem pendurou pra secar. Era essa a sensação (risos) que a gente tinha.

Depois que veio a reforma, é diferente, porque [quando] chove a gente já não tem mais essa preocupação de antes. É lógico, essa chuvinha aqui não vai dar pra gente testar, comparar aqui, porque foi fraca. Se vai acontecer alguma coisa...

Mas quando a reforma estava já na reta final, teve um final de semana que choveu acho que a parte da noite e o dia inteiro seguinte direto, sem parar. Foi na época que eles estavam finalizando a aplicação da manta que vai na laje. Pra você poder fazer o teste da manta, você tem que fechar todas as saídas, então, apesar da gente já ter o escoamento feito, eles estavam todos bloqueados; a água ia ficar empoçada na laje pra poder, realmente, testar se a impermeabilização estava acontecendo, se não ia ter vazamento, goteira. Se não ia infiltrar por um outro lugar, criar mancha em alguma outra parede. E choveu tanto que a laje vazou. Começou, realmente, a transbordar. Tem a laje e tem essa subidinha, não sei dizer, uma contenção, e estava chovendo tanto que a água estava vazando. A gente realmente precisou subir lá e fazer o buraco na contenção, pra poder liberar, pro escoamento, mas não aconteceu nada. [Em] outras chuvas que vieram depois, a gente já não tem mais as manchas que ficavam.

P/1 – E como foi o processo da reforma? Aconteceu em que período?

R - Aconteceu no período da pandemia.

P/1 – Então, como é que foi isso?

R – Aconteceu no período entre abril e maio. Os profissionais vieram, olharam como era a estrutura da casa, o que ia precisar ser feito. Tinha as questões das recomendações, que as pessoas viriam com máscaras.

Nesse período eu estava trabalhando em home office - eu ainda estou, na verdade. Aí tem a questão que você vai passar por uma reforma na sua

casa, provavelmente você vai ter o trânsito das pessoas, o barulho da reforma se precisar quebrar alguma coisa, arrastar os materiais de um lugar pro outro, fazer o concreto. Literalmente a enxada ali, fazendo barulho de arrasto, enquanto você está trabalhando, atendendo telefone, numa reunião, montando uma planilha, tendo que prestar atenção em alguma coisa e barulhos externos tirando sua concentração. Mas a reforma foi rápida. De verdade.

A equipe que veio - duas, três pessoas, no máximo - foi super rápida e profissional. Sempre faziam o trabalho e mostravam pra gente o que estava sendo feito, explicando como estava sendo feito. E é claro que você tem a questão, mexendo com reforma, de sujeira, poeira, principalmente das pessoas que estão circulando lá. Isso a gente não ia conseguir evitar de outra forma, mas foi um processo rápido, então essas preocupações só incomodaram ou perduraram durante esse período da reforma, porque depois que acabou, a gente tem o resultado da reforma. A gente tem agora a questão da garantia da utilização correta dos produtos que vão cumprir o papel deles e a gente tem, eu acho, a alma do projeto, que é você trazer essa salubridade que eles falam pra residência, que antes não tinha. E trazer essa questão de prevenir a insalubridade; tirar a insalubridade, na verdade, é você também tirar a preocupação, outros gastos desnecessários que você teria, tirar prejuízos. "Pinte a parede, perdi a parede por conta de manchas." "Fiz uma reforma de melhoria, achando que isso ia trazer melhoria e não trouxe. Desperdicei material, mão de obra."

P/1 – Se você fosse pensar além da parede, o ponto que uma residência salubre traz de melhorias?

R – Melhora o aspecto interno. Eu acho que ela melhora a questão da própria saúde, porque uma parede insalubre pode mofo, esse mofo pode trazer problemas respiratórios. Eu tenho um quadro antigo respiratório. A gente tem problema de alergia em casa, nós três; minha mãe, meu irmão e eu. Isso poderia desencadear uma crise de rinite, entre outras coisas. E quando você tem a parede, a residência, o teto salubre, quando ele está protegido, você não tem mais essas coisas acontecendo. Você tem a sua questão da saúde preservada, um benefício que a reforma trouxe; você tem a questão do aspecto interior da sua casa, que ele fica realmente preservado, um aspecto como se você tivesse acabado de pintar uma parede, acabado de mudar. Como se você tivesse ido lá, você mesmo, com o pincel e pintado uma nova parede, alguma coisa; tirou aquele aspecto da residência que não tinha a utilização de produto de impermeabilização. Não foi construída pensando nisso.

P/1 – Depois dessa reforma, você sente que ainda é necessária alguma outra reforma na sua casa?

R – Existem outras reformas que precisam ser feitas, de coisas que, desde quando ela foi adquirida, nós ainda não conseguimos fazer. A gente tem a garagem, por exemplo, que não tem reboco nas paredes, no teto. Existem outras melhorias, sim, que a gente precisa fazer pra poder, realmente, deixar a estrutura da casa melhor, mas eu acho que essa foi a principal. Eu acho que essa era a mais urgente. A gente não enxergava como urgente, eu acho, porque a gente colocava a questão financeira na frente da necessidade de trazer essa melhoria, de tirar a insalubridade, de evitar problemas de saúde futuros, de melhorar também o aspecto interno da casa. A gente, colocando o aspecto financeiro na frente, sempre foi empurrando com a barriga: "Ainda dá, então vamos continuar indo." Acho que toda casa tem alguma coisinha ou outra que você sempre precisa mexer: um azulejo trincou aqui, sei lá, um rejunte, de tão antigo que você colocou, está saindo. Algumas melhorias precisam ser feitas, mas é pela questão do tempo que a casa tem, da forma como algumas reformas foram feitas ou a própria construção dos pavimentos também.

P/1 – E como foi que você conheceu sua noiva?

R – A gente trabalhou junto no Bradesco. Eu não me lembro se éramos da mesma equipe ou não, mas a gente já tinha tido contato visual próximo. A gente trabalhava em horários parecidos, a gente pegava lotação junto pra poder ir pro trabalho e conseqüentemente voltar, mas a gente não conversava. Depois de um tempo nessa atividade, a gente se adicionou nas redes sociais Facebook, Instagram. Quando eu viajei pra Nova Zelândia, ela postou que tinha assistido um filme e era um filme que eu queria ter assistido antes de viajar, mas acabei não indo. Eu comentei num post dela se ela tinha gostado do filme e disse que iria assistir, que na Nova Zelândia o filme estava passando. E não estava. (risos) Aí ela respondeu, comentou que gostou do filme. A gente começou ali a conversar um pouco. Como eu estava viajando, eu fui postando algumas coisas no Instagram, de locais que eu estava visitando, o quanto eu estava gostando, que estava sendo legal. Ela curtia, comentava nas fotos. A gente começou a conversar com mais afinco no Instagram, Whatsapp e nesse bate-papo eu já fui mais ou menos tendo uma ideia de como é essa pessoa que eu já tinha adicionado há tanto tempo, que eu conhecia, mas não conhecia. E talvez ela também. Quando eu voltei, eu falei: "Eu vou voltar tal dia." Até brinquei, falando pra ela ir me buscar no aeroporto, mas ela não dirige, não ia ter como. (risos) Na semana que eu cheguei, a gente marcou de sair. Eu saí numa segunda-feira, cheguei aqui na segunda-feira, por conta do fuso horário; a gente marcou de sair numa sexta-feira, porque tinha um show que eu já tinha comprado ingresso pra ir, num sábado. Saímos na sexta-feira e depois, no domingo dessa mesma semana, nós saímos de novo, e aí a gente começou a ficar junto. Foi dando início...

P/1 – Aí noivaram, né?

R – A gente noivou esse ano.

P/1 – Você que pediu?

R – Foi. A gente começou a namorar... A nossa data de aniversário de namoro é dia onze de junho, é um dia antes do Dia dos Namorados. Não foi proposital, foi ocasional.

A gente completou três anos esse ano e com essa questão toda de pandemia... A intenção era um jantar num lugar diferente, sair, fazer algo que a gente ainda não tivesse feito ou que tivesse um ar mais romântico de comemoração; por conta da pandemia mudou-se os planos, então eu fiz um jantar em casa mesmo. Pedi pra minha mãe e pro meu irmão saírem. (risos) Falei: "Libera a casa aí que eu vou fazer...". Minha mãe já sabia que eu ia pedir, aí a gente trocou presentes pela questão do Dia dos Namorados.

O nosso dia onze foi numa sexta-feira, só que como eu estou estudando e ela também, a gente não ia conseguir se ver, pela questão do horário das aulas. Eu dei um presente, entregaram pra ela, aí no sábado nós fizemos o jantar. A gente trocou, ela entregou os presentes que tinha comprado, a gente comemorou e aí eu fiz o pedido de noivado. Era uma coisa que eu já pensava em fazer.

Eu tive alguns relacionamentos, outros passados, em que eu sempre beirei dois anos e meio, batendo três anos e ela foi a única pessoa que conseguiu se manter do meu lado, me aguentando do jeito que eu sou, da forma que eu sou, nesse período de três anos. (risos) Não só por isso, mas por quanto ela me ajudou, porque a gente se conheceu na época que eu estava entrando no vermelho financeiramente, então não dava pra sair, pra comprar presente, pra fazer grandes coisas. Estava sem trabalho, a perspectiva também não era das melhores, porque eu já vinha há um tempo fazendo entrevistas e as coisas também não mudavam. Mesmo assim a gente engatou o relacionamento, o namoro e continuou indo. Sempre foi paciente, me apoiou bastante, me ajudou bastante também em momentos em que ela nem tinha obrigação de ajudar, mas ela ajudou da forma que ela podia e foi uma baita ajuda. Acho que nada mais justo do que retribuir esse carinho, esse se colocar no meu lugar e me ajudar, me colocando também no lugar dela e propondo esse upgrade no relacionamento, pra que a gente possa ter algo nosso, pra poder ter algo junto, começar a construir a nossa história, né? Ao invés de Emerson aqui e Patrícia ali, Emerson e Patrícia juntos, construindo a própria vida.

P/1 – Quais são seus sonhos?

R – Daqui pra frente, sonhos... Eu vou responder como objetivos. Eu tenho o objetivo de... Eu ainda estou no processo de me reestruturar financeiramente, porque não cheguei no patamar que eu estava quando eu trabalhava no Bradesco, então estou nesse processo de tentar reconstruir um pouco do patrimônio que eu tinha. Talvez isso soe um pouco capitalista, ter dinheiro. Mas eu queria ter essa segurança de, ao chegar nesse ponto que eu estava, dar continuidade em outras coisas muito mais voltadas pra lazer, principalmente, do que questão de estudo, por exemplo, que é o que eu já faço, na medida do possível.

Eu estou fazendo uma nova faculdade, então tenho esse objetivo de terminar a faculdade. Tenho o objetivo de tentar engatar o mais rápido possível uma pós também, pra que eu consiga me consolidar na área que eu estou hoje, que é onde eu gosto.

Eu gosto da área financeira, de tesouraria. Acho que existe um mercado muito grande pra isso. As empresas necessitam de profissionais que tenham essa visão de planejamento, de direcionamento, tomada de decisão, pra captação de recursos, pra crescimento.

Eu tenho esse interesse. Tenho o objetivo de ter o meu espaço, minha casa. Pra mim, nesse momento, pouco importa se vai ser própria ou alugada, mas que seja um local onde eu consiga chegar ou estar ou receber pessoas e dizer: “É meu, eu moro aqui, é aqui que eu vivo.” E ter conforto, tranquilidade, aquela sensação de ‘estou no meu cantinho, no meu porto seguro’. De poder sentar no sofá, se for com a Patrícia - e espero de verdade que seja Patrícia, então vamos lá, me ajuda. (risos) Sentar no sofá e assistir um filme, um programa, dormir no sofá, ficar junto, sabe, abraçado, numa coberta, uma pipoca. Vamos fazer uma noite do hambúrguer, do petisco, das besteiras, da cerveja, vamos chamar um casal de amigos, alguma coisa pra gente poder conversar e é isso.

Eu tenho vontade de ter filhos, mas não digo que isso seja um sonho. Não sei se eu tenho maturidade, fico pensando muito nisso, mas eu tenho vontade de tentar entender esse lado superprotetor que os pais têm. Como é, como funciona você educar alguém. Contar as suas histórias pra alguém que vai carregar isso com ela, porque um pouco do que meu pai foi eu carrego comigo com as coisas que ele já compartilhou comigo, e [com] a minha mãe a mesma coisa. Eu sou um pouco das histórias deles. Sou um pedaço de cada um dos dois, obviamente, como matéria em si e também sou na questão da personalidade do que eles já foram, as crenças que eles trouxeram, os costumes, a cultura que eles tiveram, a personalidade.

Eu gostaria de enxergar isso, ver uma nova vida se construindo, se desenvolvendo a partir do que eu tenho, pra poder dar pra ela.

P/1 – Eu queria fazer uma última pergunta. Queria te perguntar um exercício de um filme japonês que se chama Depois da Vida. Nesse filme, a pessoa, quando morre, só pode levar uma memória que ela viveu na vida pra eternidade, então queria te perguntar o seguinte: se você só pudesse levar uma memória da sua vida, de tudo que você viveu, qual memória você levaria?

R – (suspiro) Qual memória? Caraca, não tinha uma pergunta mais fácil, não? (risos) Memória da minha vida que eu levaria comigo, uma memória.

Eu acho que, daqui pra frente, eu ainda vou realizar outras coisas do tamanho do que isso que foi realizado em 2017, provavelmente. Outros lugares, outros países, outras culturas, outras experiências. E isso, provavelmente, vai me trazer uma sensação tão boa quanto ou até melhor, por eu estar realizando, também, sonhos, objetivos.

Eu diria que eu levaria a experiência que eu fiz do intercâmbio. Mas não o intercâmbio, não o estudar inglês; acho que o que eu vivenciei nesses 45 dias que eu fiquei fora. Eu estava absolutamente sozinho. Eu conheci pessoas lá, fiz amizades, me relacionava; tinha ajuda de pessoas, suporte, mas eu estava sozinho.

Se eu tivesse com fome, eu tinha que cozinhar; se eu tivesse com sede, eu tinha que preparar alguma coisa ou comprar algo pra beber; se a roupa estivesse suja, eu tinha que lavar; se eu precisasse chegar até algum lugar, eu tinha que pesquisar como. Eu acho que isso trouxe uma visão de que não é nem ser autossuficiente ou individualista, de que eu pude fazer essas coisas sozinho. Não exatamente sozinho, porque pra falar uma outra língua, eu precisei do auxílio de outra pessoa, pra poder comprar a passagem eu precisei de auxílio, então não teve individualismo, mas eu acho que teve um olhar pra dentro e entender que eu tenho capacidade de fazer aquilo que eu quero e, mesmo em situações onde eu não sei o que eu quero, eu tenho a capacidade de olhar pra mim e entender que eu tenho possibilidades, oportunidades e que eu só preciso tomar a decisão de fazer.

Acho que seria isso que eu levaria. Levaria a vontade. Eu tive vontade de ir pra Nova Zelândia e realmente fui. Eu fui com o que eu tinha, com o que eu sabia. Foram cinco minutos desesperadores quando eu tive que conversar na imigração, pra eles carimbarem meu passaporte, porque embora eu já tivesse feito aula de inglês há um bom tempo, chegar e explicar pra alguém porque você está lá, porque você foi, é totalmente diferente de você falar: “Hi, my name is Emerson.” (risos) Totalmente diferente.

Acho que essa memória, hoje, eu levaria. Pode ser que daqui pra frente eu mude, mas hoje essa seria a memória que eu levaria comigo.

P/1 – Emerson, como foi contar a sua história aqui, hoje?

R – Ah, eu me senti no Roda Viva. (risos) Só com duas pessoas, mas foi bacana.

Eu acho que nunca tive oportunidade de poder tirar tanta coisa de história, de memória, de lembrança, de fatos, de coisas que aconteceram de dentro, pra pessoas que eu conheci hoje, agora, vai fazer acho que duas horas - talvez duas horas e meia, três horas que a gente se conheça. (risos)

Eu contei muita coisa que, como você disse, muita gente que me conhece há bastante tempo, meu pai e minha mãe não sabem, ou nunca me ouviram falar. Eles me conhecem há 33 anos e há 33 anos eles nunca ouviram falar dessas coisas que eu falei pra vocês, então acho que é uma experiência até válida, porque pode funcionar até, de repente, como uma terapia. Você realmente tirar uma carga...

Tem lembranças boas, tem coisas ruins. Obviamente, aqui a gente foi ressaltando aquelas coisas que eram as melhores, mas eu acho que isso também serve. Tem a questão de tirar coisas ruins de dentro, externar essas coisas pra poder ter uma limpeza interior, mas tem a questão de você, acho, reacender coisas boas em você pra que você volte a ter aquela empolgação de antes: de quando eu comecei no meu primeiro emprego, do meu primeiro dia de trabalho, de ter conhecido a pessoa que hoje está comigo, que eu estou escolhendo pra poder ser a mulher da minha vida, a viagem que eu fiz, a ideia do que aconteceu quando eu pulei do berço.

É fantástico! Acho que, se todo mundo pudesse fazer isso, seria bacana.

P/1 – A gente te agradece profundamente.

R – Imagina! Eu que agradeço. Obrigadão, mesmo, pelo convite.